UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

LUIZ GUSTAVO MOREIRA ABREU

REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE E DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS “FELIZ ANO NOVO” E “OS POBRES E OS RICOS”, DE RUBEM FONSECA

JOÃO PESSOA
2022

LUIZ GUSTAVO MOREIRA ABREU

REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE E DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS “FELIZ ANO NOVO” E “OS POBRES E OS RICOS”, DE RUBEM FONSECA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva.

JOÃO PESSOA

2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A162r Abreu, Luiz Gustavo Moreira.
Representação da desigualdade e da violência nos contos "Feliz Ano Novo" e "Os pobres e os ricos", de Rubem Fonseca / Luiz Gustavo Moreira Abreu. - João Pessoa, 2022.
52 f. : il.

Orientação: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade federal da Paraiba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Feliz Ano Novo. 2. Os pobres e os ricos. 3. Contos. 4. Violência. 5. Brasil ditatorial. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 82-34

LUIZ GUSTAVO MOREIRA ABREU

REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE E DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS "FELIZ ANO NOVO" E "OS POBRES E OS RICOS", DE RUBEM FONSECA

Esta Monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Título de Licenciado em Letras-Português, no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: ____/____/2022.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva – (DLCV/UFPB)

(Orientadora)

_____

Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo – (DLEM/UFPB)

(Examinadora)

_____

Prof. Dr. Juan Filipe Stacul – (IFG)

(Examinador)

_____

Prof. Dr. Wellington Marçal de Carvalho – (UFMG)

(Examinador suplente)

“Há que sevilhizar a vida. Há que sevilhizar o mundo.”
(João Cabral de Melo Neto)

In Memoriam de Deusdetete Moreira da Silva, meu avô, quem me inspirou a me tornar professor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela família que tenho. Agradeço a minha avó materna, Ana Lúcia, minha mãe, companheira e amiga de todas as horas, obrigado por sempre estar ao meu lado me dando força quando sempre necessito. Agradeço à minha avó paterna, Solange Abreu, pela confiança, carinho e esperanças depositadas sempre. Agradeço à minha mãe, Ana Carlota, pela vida.

Também agradeço a minha namorada, Débora, pelo companheirismo e ombro disponível de sempre. Agradeço as minhas amigas que conheci no curso, Priscila e Helayne, obrigado pela força e ajuda durante toda a jornada. Agradeço aos meus poucos mas verdadeiros amigos, pela ajuda de sempre. Aos meus irmãos, pela disponibilidade de levar-me aos estágios quando precisei. As minhas tias Isadora, Isaura, Fátima Abreu e Lindacy Lúcia pelas palavras de conforto sempre que recorro.

Agradeço aos grandes professores que tive, em especial a Joelma Trajano, professora de inglês do Fundamental II, e Rislaneane Janse, professora de espanhol do Ensino Médio, vocês foram fundamentais para a minha formação educacional e humana.

Agradeço a minha orientadora, Franciane Conceição da Silva, pelo direcionamento, cuidado, amizade e carinho de sempre no processo de construção e formulação desse trabalho, assim como na minha passagem pela Universidade. Agradeço por fim, a todos/as os/as integrantes da banca avaliadora, nas pessoas de Juan Filipe Stacul e Flávia Santos de Araújo, pela disponibilidade e atenção.

RESUMO

Este trabalho se dispõe a apresentar uma análise dos contos “Feliz Ano Novo” (2012) y publicado oficialmente em 1975, e “Os pobres e os ricos” (2021), de Rubem Fonseca, trazendo um comparativo histórico acerca da violência na sociedade brasileira representada nas obras com a violência, pobreza e repressão vigentes no período do Brasil ditatorial pós 64, principalmente da década de 70, relacionando com o Brasil atual. Para realizar essas análises, selecionamos pesquisas acadêmicas e obras que de algum modo abordam a estética fonsequiana. Para embasar esse estudo, teremos como suporte os trabalhos produzidos por autores/as, tais como, Amaral (2009), Cerqueira (2009), Silva (2018), entre outros/as. Utilizaremos ainda alguns da crítica literária de Bosi (2015); (2021) e Candido (2006). Também contribuem para a fundamentação do trabalho obras de caráter historiográfico e social que discutem o período Ditatorial Militar Brasileiro (1964-1981), produzidas por autores como Gaspari (2002) e Napolitano (2014) e Souza (2017). Pesquisamos ainda matérias jornalísticas das décadas de 1970 e de 2021 e 2022, publicadas em periódicos como o *Diário de Pernambuco*, *G1*, *Veja*, entre outros.

Palavras-chave: "Feliz Ano Novo”, “Os pobres e os ricos”, contos, violência, Brasil ditatorial.

RESUMÉN

Este trabajo pretende presentar una análisis de los cuentos "Feliz Ano Novo" (2012) y publicado oficialmente en 1975, y "Os pobres e os ricos" (2021), de Rubem Fonseca, trayendo un comparativo histórico acerca de la violencia en la sociedad brasileña presentada en las obras con la violencia, pobreza y repressión vigentes en el período del Brasil dictatorial pós 64, principalmente de la década de los 70, con el Brasil actual. Para estas finalidades, fueran elegidos trabajos académicos y obras que de alguna forma analisan la estética fonsequiana. Para basar este estudio, traemos trabajos académicos producidos por autores como Amaral (2009), Silva (2018), Cerqueira (2009) dentre otros. Obras crítica literária de autores como Bosi (2015) y (2021) y Candido (2006). Obras de carácter historiográfico y social que discuten el período Dictatorial Militar Brasileño producidas por autores como Gaspari (2002), Napolitano (2014) y Souza (2017). Pesquisamos aún artículos periodísticos de la década de los 70 y de 2021 y 2022, por periódicos como *Diário de Pernambuco, G1* y *Veja*, dentre otros.

Palabras-llave: "Feliz Ano Novo", "Os pobres e os ricos", violencia, cuentos, Brasil dictatorial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Página em que está inserida a matéria do Diário de Pernambuco (p.6) 27
Figura 2 Trecho da manchete do Diário de Pernambuco (p.6) 28
Figura 3 Trecho da matéria do Diário de Pernambuco (p.6) 29
Figura 4 Trecho da matéria do Correio da Manhã (p.5) 30
Figura 5 Página em que está inserida a matéria do Correio da Manhã (p.5) 31
Figura 6 Trecho da matéria no Jornal Diário da Noite (p.23) 32
Figura 7 Página em que está inserida a matéria do Diário da Noite (p.23) 32
Figura 8 Matéria da versão digital do jornal El País 35
Figura 9 Imagem da manchete do dia 25/07/2021 do jornal digital G1 46
Figura 10 Imagem da matéria jornalística digital da Veja, seção Economia, do dia 30/04/2021 47
Figura 11 Imagem da matéria do jornal digital G1 do dia 06/05/2021 48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
CAPÍTULO I 14
1. Destrinchando “Feliz Ano Novo” 14
1.1. “Feliz Ano Novo”*:* espelho de um povo, de um país e de um tempo que parece não ter fim 19
1.2. A violência de “Feliz Ano Novo” é a violência do Brasil da ditadura. 25
CAPÍTULO II 37
2. Dissecando “Os pobres e os ricos" 37
2.1. “Os pobres e os ricos” ou um “Feliz Ano Novo” do século XXI 39
2.2. “Os pobres e os ricos”: desigualdade e violência no Brasil contemporâneo 45
CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS 52

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico apresenta uma análise dos contos "Feliz Ano Novo" (2012), publicado originalmente em 1975 e que, após sofrer censura do governo militar, teve a sua republicação no final da década de 80. E "Os pobres e os ricos" (2021), publicado originalmente em 2013, de Rubem Fonseca, escritor brasileiro que construiu um estilo literário marcado por uma estética crua e brutal, denunciando um grande problema que assola a sociedade brasileira desde a sua fundação: a violência. Neste trabalho, analisaremos as facetas da violência no período da Ditadura Militar e no Brasil contemporâneo. Para aprofundar esse diálogo, recorremos às obras e trabalhos acadêmicos que já analisaram os contos que serão estudados, ou basicamente a estética fonsequiana. Além da crítica literária, materiais que estudam e apresentam o período da ditadura militar no Brasil, tempo em que a narrativa "Feliz Ano Novo" está inserida, foram de muita importância. Não podemos deixar de mencionar os textos jornalísticos das épocas passadas de 1970 e 1978, e atuais, de 2021 e 2022, que também se fizeram essenciais para a análise.

Na primeira parte do trabalho, analisamos o conto "Feliz Ano Novo*"*. Destacamos e contextualizamos alguns trechos da narrativa e algumas falas das personagens, para que o/a leitor/a vá se familiarizando com o texto e possa construir uma melhor compreensão da obra no decorrer da leitura do trabalho. Na parte seguinte, trazemos algumas críticas que explicam a obra e o estilo literário ao qual ela se integra. Na seção 1.2, abordamos o contexto histórico no qual a narrativa está inserida. Desenvolvemos uma comparação dos temas abordados no conto, especialmente o período ditatorial no Brasil, embasado em obras que estudam e apresentam essa época; além de consultar jornais que circularam no período.

No segundo capítulo, assim como em "Feliz Ano Novo", apresentamos uma análise minuciosa do conto "Os pobres e os ricos". Na seção 2.1, abordamos a narrativa sob a luz de algumas análises teóricas acerca de sua estética. Na seção 2.2, a obra é equiparada com manchetes e matérias jornalísticas atuais, a fim de demonstrar a crítica trazida e a sua funcionalidade, revelando que a literatura pode ser um importante instrumento de denúncia, uma arma de combate e um espelho que revela faces incômodas de nós mesmos/as e da nossa sociedade.

A escolha dos contos "Feliz Ano Novo" e "Os pobres e os ricos" para se tornarem objetos de estudo desse trabalho se deu por diversos motivos: o primeiro é a relevância que essas narrativas possuem para a literatura brasileira, marcando o início de uma nova forma de

escrita e arte no país. A estética de Rubem Fonseca é marcada pelo "brutalismo[1]", observado especialmente no conto "Feliz Ano Novo".

Outro motivo para a escolha dos contos é a forte crítica social que eles abrangem, trazendo à tona uma sociedade disfuncional, bárbara e injusta, que se escancara no período ditatorial, mantendo-se até os dias hoje. E, também, a função de espelho histórico que elas representam, servindo de prova e relato temporal desmistificador, rompendo a ilusão de que o Brasil era mais seguro e justo no passado. Em "Feliz Ano Novo", o passado representado corresponde à década de 1970, período temporal de grande interesse, outro motivo determinante da escolha. Além disso, destacamos a percepção de uma verossimilhança das obras entre si, desde personagens, ambiente e enredo.

A eleição de direcionamento deste trabalho foi de caráter criterioso, pelas análises minuciosas e específicas acerca da obra de Rubem Fonseca. Também consequentemente, pela facilidade de manuseio e interesse de algumas leituras historiográficas acerca do período que se estende de 1964 a 1985. A ideia principal da monografia é mostrar por meio das narrativas analisadas um Brasil de ontem, que não é muito diferente do Brasil de hoje, um país construído a partir da violência. Desse modo, procuramos mostrar de uma forma objetiva, tendo o texto literário como principal artefato, que é necessário descontruir a ilusão de que viver no período da ditadura militar, era viver com mais segurança e justiça, como também não é nos dias de hoje.

[1] Termo cunhado por Alfredo Bosi ao se referir a estética literária de Rubem Fonseca e que será apresentado mais adiante.

CAPÍTULO I

1. Destrinchando “Feliz Ano Novo”

O conto “Feliz Ano Novo” narra episódios de assalto, assassinatos e estupros efetuados por três personagens cariocas: o narrador, que não tem o nome apresentado, Pereba e Zequinha, que na noite de Ano Novo, sentem fome e decidem roubar uma casa de família nobre do Rio de Janeiro, enquanto acontece uma festa de Réveillon. Os três usam forte armamento, que seria usado para assaltar um banco dias depois e que pertencia a um outro amigo deles, Lambreta. No desenrolar da noite, enquanto estão assaltando, os três homens matam e estupram pessoas. Ao fim do assalto, eles retornam ao prédio em que vive o narrador e brindam o novo ano que chega, alimentando-se das comidas que roubaram.

“Feliz Ano Novo” é o título de um conto presente no livro de contos de mesmo nome, do escritor brasileiro Rubem Fonseca, publicado primeiramente em 1975, mas que sofrendo censura do governo militar vigente por atentar à moral e aos bons costumes, só chegou a ter a sua republicação em território nacional em 1989, já com a redemocratização. Neste, vemos encenado de forma crua e extremamente violenta, fragmentos da vida na cidade grande e a herança que as disparidades econômicas causam e refletem num povo. A história é contada em primeira pessoa, pela ótica de um personagem que observa e interage com os outros dois homens e em três ambientes distintos, o apartamento do narrador, a casa assaltada e o apartamento da vizinha, Dona Cândida, onde estão as armas usadas no assalto.

O conto se inicia na casa do narrador, com ele falando acerca dos artigos que mais estão passando nas propagandas da televisão, artigos feitos e destinados para pessoas que vivem em situações econômicas bem melhores do que a dele: “Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque” (FONSECA, 2012, p.8). Mais adiante, a situação econômica miserável em que os personagens vivem é evidenciada quando é dito que para poder se alimentar, os dois teriam que se submeter a situações atípicas e no mínimo desrespeitosas, religiosamente falando: “Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros” (FONSECA, 2012, p.8).

A situação de pobreza vivida pelos personagens é comprovada parágrafos a frente, como quando Pereba vai ao banheiro para urinar e o narrador pede para que ele se encaminhe para outro ambiente, pois está sem água: “Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor. Vai mijar noutro lugar, tô sem água. Pereba saiu e foi mijar na escada”. (FONSECA, 2012, p.8).

A dedução de que se trata de pessoas que não seguem a lei é colocada em possibilidade quando Pereba supõe que a TV que se encontra ali na sala, pode ter sido roubada: “Onde você afanou a TV? Pereba perguntou.” (FONSECA, 2012, p. 8). O narrador, com uma reação até mesmo de certo ressentimento, responde que não a roubou, e que sim, comprou: “Afanei porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?” (FONSECA, 2012, p. 8).

O uso de substâncias consideradas ilícitas são também apresentados e desenvolvidos em trechos e passagens adiante: “Acendemos uns baseados e ficamos vendo a novela” (FONSECA, 2012, p. 8). Mais adiante, percebemos também que se tratam de dois personagens machistas e ignorantes. Evidenciamos numa passagem subsequente, assim como também, uma comprovação de ressentimento e revolta deles por estarem numa situação social inferior:

> As madames granfas tão todas de roupa nova, vão entrar o Ano-novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branquelas dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí? (FONSECA, 2012, p. 8).

A masculinidade é um fator comumente marcado pelos personagens da obra. Eles humilham e objetificam as mulheres, reduzindo-lhes a termos e expressões sexuais, reafirmando sua concepção machista, patriarcal e extremamente preconceituosa, tão comum e enraizada em nossa sociedade, notada também em:

> Pena que não tão dando pra gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente. Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa. Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido (FONSECA, 2012, p. 8).

Num país como o Brasil, em que a ampla maioria da população é negra, e que, essa ampla maioria negra é pobre, esse contraste social gritante e vivaz é o representado na obra. Essa descrição do personagem Pereba nos remete à reflexão realizada pelo estudioso Deivis Jhones Garlet (2015):

> O fragmento representa a miséria das personagens em franco contraste com a alta sociedade, a desigualdade social cruamente exposta. Além disso, percebemos que os protagonistas são negros pela maneira com que falam das “madames”, ou seja, “branquelas”, além da identificação de Pereba como negro. A miséria, no Brasil, historicamente assola com maior intensidade a população negra em comparação com a branca, conforme dados de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, inclusive na atualidade (GARLET, 2015, p. 66).

Em seguida, Pereba se masturba imaginando alguma mulher loira e rica, e Zequinha chega para se juntar ao grupo. Esse "fetiche" extremamente específico trazido pelos personagens, nada mais é do que uma representação racista. Basicamente, o personagem negro, busca aquilo que ele não pode conquistar, o tão longínquo e inalcançável privilégio que só a "branquitude" é capaz de trazer, se não para ele em si, mas para o seu suposto "troféu", transfigurado na figura da mulher branca.

Até o momento, somos apresentados a três personagens homens, moradores no que aparenta ser um local muito pobre do Rio de Janeiro, um conjunto habitacional. Eles não seguem a lei, estão envoltos em situações de violência e necessidades. Os personagens vivem à margem de uma sociedade extremamente desigual e em um meio que os levam a cometer as maiores brutalidades possíveis, que serão apresentados com mais ênfase no desenrolar da história! Mas por enquanto, Pereba apenas sente fome.

Com a chegada de Zequinha, o narrador afirma que a situação vai melhorar, está somente no aguardo do seu outro companheiro, Lambreta, para quando ele chegar usarem as armas que possuem para efetuar um saque: "Depois de amanhã vocês vão ver. Vão ver o quê?, perguntou Zequinha. Só tô esperando o Lambreta chegar de São Paulo. Porra, tu tá transando com o Lambreta?, disse Zequinha. As ferramentas dele tão todas aqui." (FONSECA, 2012, p. 9). Então Zequinha pergunta, basicamente, se eles vão comer farofa de macumba ao invés de usarem o que tem a disposição, ou seja, que vão se contentar com tão pouco ao invés de usarem o material (armas) e atitude para arranjar algo melhor, o que aguça o interesse dos dois homens, fazendo com que eles desçam até o apartamento da vizinha, Dona Cândida, onde as armas estão guardadas. Eles pegam as armas e quando são questionados pela velha senhora se o Lambreta chegou, tendo em vista que ela deveria entregar com a presença dele, os dois rapazes mentem e dizem: "Já, eu disse, está lá em cima" (FONSECA, 2012, p. 9).

Após analisarem as armas, o narrador afirma que estão planejando usá-las no dia 2 de janeiro, explodindo um banco, os três rapazes continuam a bater papo e se colocam a duvidar da orientação sexual do Lambreta, indagando que ele, talvez, possa gostar de homens. Fonseca traz bastante em suas obras um conversar interessante acerca da masculinidade, e em "Feliz Ano Novo" ela é bastante forte. segundo Juan Filipe Stacul (2017), acerca dessa masculinidade presente nas obras do autor ele diz:

> [...] Fonseca constrói uma obra paradigmática para a compreensão da subjetividade masculina pós-moderna, em choque, conflito- ou, usando o termo escolhido pelos *men´s studies*, em crise. Essa subjetividade, encenada na obra de Fonseca, tenta recuperar a pretensa univocidade perdida quando dos processos de deslocamento do sujeito, e sua principal arma- no sentido mais cru e violento que esse termo possa

> assumir- será a narrativa: falar de si para mostrar do que é capaz, falar de si para recuperar um espaço perdido, falar de seus atos cruéis para se tornar mais homem, em vários sentidos (STACUL, 2017, p. 19).

A conversa se aprofunda e o narrador lança a ideia de que eles três possam usar dessas armas para assaltar alguma casa que esteja dando festa, alguma casa de gente rica. Os três homens se preparam, roubam um carro Opala, e vão em direção a região de São Conrado, analisam várias casas sem possibilidade até encontrarem uma: "Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal" (FONSECA, 2012, p. 10). Logo em seguida eles invadem a casa e fazem a todos presentes de reféns, em suas contas, havia 25 pessoas. Depois, Pereba vai para o primeiro piso atrás de uma senhora que se encontrava doente no quarto, possivelmente a dona da casa, enquanto os outros dois roubam os que estão presentes: "Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as joias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca" (FONSECA, 2012, p. 10).

As mulheres que se encontravam no primeiro piso morreram, de forma direta ou indiretamente por causa de Pereba, já que a mais velha ele supõe ter morrido de susto, ao vê-lo. Numa passagem posterior, vemos o começo de uma brutalidade extrema encenada no conto, assim como o desdém que os sujeitos tem com as pessoas que eles estão roubando e com tudo aquilo que eles representam:

> Enfiei tudo dentro de uma fronha. O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e desci (FONSECA, 2012, p. 11).

Além de roubar, matar aquelas pessoas, e arrancar numa mordida o dedo da senhora por ela estar com um anel difícil de sair, Pereba ainda defeca sobre a colcha em cima da cama da mulher que ele acabou de matar. Essa ação dele passa mais do que aparenta. O defecar sobre a colcha possui aí uma representação de desdém com aquela cultura, um desdém com aquelas pessoas e com o que consequentemente fazem e do seu papel na sociedade. Além do mais, é também uma ação de ressentimento e revolta com a posição em que eles estão inseridos e o próprio Pereba não está em sua vida habitual, porém, neste instante, ele sobe

posição, uma posição superior perante aqueles que ele julga, “carrascos”, e não há limites para isso, pelos menos, enquanto o assalto durar.

Os outros que ficaram com os reféns os observam, todos eles com medo, abaixados, em silêncio. Até que, o silêncio é quebrado, com um dos homens dizendo que podem levar o que quiserem, que nada irá acontecer a eles. Isso de alguma forma irrita os rapazes, é nesse instante que eles percebem a sua pequenez perante aqueles a quem roubam. Mesmo possivelmente em posição superior naquele instante, de ter em mãos o destino das vidas deles, aquelas pessoas ainda são superiores de alguma forma, e eles sabem disso, aquilo em que está sendo roubado, que parece tanto para os que estão roubando, na verdade, não é nada para quem está sofrendo a ação. Saber que mesmo podendo matar a todos e decidir o fim de cada um, não parece ser o bastante para fazê-los, por uma vez que seja, os que ditam as ordens, os superiores, e isso os irrita. Eis a passagem:

> Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irritem, levem o que quiserem, não faremos nada. Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço. Podem também comer e beber à vontade, ele disse. Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro (FONSECA, 2012, p. 11).

Logo após escutar ao que o homem tinha a falar, o narrador pede que se ponha de pé, pergunta o seu nome, o que é respondido, “Maurício”, e que se encoste próximo da parede. Em seguida, o criminoso o mata com um tiro no peito:

> Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede? Ele se encostou na parede. Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado. Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone (FONSECA, 2012, p. 11).

Nessa passagem, vemos um dos pontos máximos da crueldade e barbaridade dos personagens. O narrador tenta matar e fazer com que sua vítima grude na parede com o impacto do tiro, assim como momentos antes, Zequinha confessara que sentia o desejo de fazer com um policial: “ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá” (FONSECA, 2012, p. 9). Vendo que não funcionara, Zequinha pede para que outro se levante. O sujeito tem medo e pede para que ele não faça isso, mas não adianta. O homem se levanta e vai para próximo da parede, para que, assim, Zequinha possa, mais uma vez, fazer o teste e saber se o

sujeito grudará com o impacto da bala ou não: "Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira" (FONSECA, 2012, p. 11-12). Nesse momento, o matar se configura como um ato de diversão.

Mais adiante, o desdém, principalmente do narrador com a representação daquelas pessoas é confirmado. Quando indagado por Pereba a respeito se ele não iria escolher uma das mulheres presentes para transar, o narrador responde: "Não estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto" (FONSECA, 2012, p. 12). Ao receber a mesma indagação, Zequinha reage diferente e abusa de uma garota ali presente: "A garota tentou atrapalhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá." (FONSECA, 2012, p. 12).

Após o estupro da garota, os três bandidos retornam para o edifício do início da história, comem as comidas que roubaram e saúdam um Feliz Ano Novo que se aproxima.

1.1. **"Feliz Ano Novo"*:* espelho de um povo, de um país e de um tempo que parece não ter fim**

De forma crua, Rubem Fonseca traz na maioria de suas obras, e especificamente, em "Feliz Ano Novo", o retrato de um Brasil que espelha a sua sociedade e a sua época. Um país envolto em graves problemas de desigualdades raciais e sociais que criam e agravam uma escalada de violências. Seus personagens fogem do tradicional e clichê heroico ou antagonista, para personagens comuns do dia a dia, principalmente, das áreas mais marginalizadas e lúgubres encontradas, normalmente, na cidade grande. Inovador e impactante, Rubem Fonseca se destaca ao construir histórias que denunciam de forma crítica e escancarada uma sociedade hipócrita e envolta nas suas próprias futilidades.

De um lado, o pobre marginalizado, convertido pelo meio num homem de atitudes brutais e animalescas. Do outro, uma classe média e elite, criadora do próprio *status quo* da existência de ambos, isso tanto da classe pobre, quanto deles próprios, daqueles que curtem a festa, que gozam da vida. Ao se referir a respeito dessa questão, Jessé Souza (2017) afirma:

> [...] a chave para a compreensão da iniquidade e vileza singulares da sociedade brasileira é a classe média. É ela que forma um pacto antipopular comandado pela elite dos proprietários, onde se misturam aspectos racionais, como preservação de

> privilégios, e aspectos irracionais, como necessidades de distinção e ódio e ressentimento de classe (SOUZA, 2017, p. 64).

Mesmo inovando, em determinados aspectos, Fonseca apenas segue o fluxo da escrita de seu tempo. Segundo Rodrigo da Silva Cerqueira (2009, p. 20): "O olhar deste tempo hoje preferirá, na literatura ficcional brasileira do pós-64, o desencanto com a grandiosidade, a desvalorização do heroísmo e a maior preocupação com a semelhança com o real." Já para Adélcio de Souza Cruz (2009):

> O livro de Rubem Fonseca que sacudiu a literatura nos idos de 1970 foi *Feliz ano novo*. Os contos retomavam um mundo que aparecera somente no realismo naturalismo, na obra de Lima Barreto. Mais tarde, esse mundo reaparece retratado em parte pelo Romance de 30, também nos anos 60 com Carolina Maria de Jesus, João Antônio e o dramaturgo Plínio Marcos. O elemento que se sobressai na obra de Fonseca, além das personagens pertencentes ao mundo das alteridades, é a violência (CRUZ, 2009, p. 36).

Fonseca é assertivo em seu foco narrativo, a violência. Não há nada mais real num país latino, subdesenvolvido e desigual como o Brasil, do que a pobreza que gera a violência, tão pulsante e sanguinária, fruto direto do acúmulo de riquezas, tornando o Brasil, um dos países em que a disparidade entre ricos e pobres é uma das maiores do mundo.

Seus personagens agem de forma cruel. Em alguns casos, agem semelhantes aos piores predadores da natureza. Segundo Sérgio da Fonseca Amaral (2009, p. 81): "(...) as personagens de Rubem Fonseca vivem e atuam, costumeiramente, sem justificativas prévias dos seus atos, ou, por vezes, deixam entrever uma espécie de fatalidade da vida que os levou de cambulhada e nada mais se pode fazer, apenas cumprir seu destino". No próprio conto, uma passagem que choca aqueles de estômago mais fraco é quando Pereba arranca o dedo de sua vítima com uma mordida, afim de tirar-lhe o anel: "Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela." (FONSECA, 2012, p. 11), ele age como um animal faminto, que abocanha a sua presa sem dó, nem piedade.

Está "ruindade" causa de alguma forma um mal-estar para quem lê. O que é apresentado trata-se de algo não obstante do que se lê frequentemente nas manchetes jornalistas ou que se vê nos programas policiais, mas que mesmo tão rotineiro, antes não era comum de se ler na criação ficcional. Fonseca põe em evidência o marginalizado violento e morador da cidade grande, o esquecido, o sufragado, sua obra se insere numa fórmula do dia a dia, do trazer para a arte aquilo que já é banal de tanto se repetir, aquilo que choca numa primeira vista, mas depois todos esquecemos, no outro dia aparecerá outro igual ou pior. É

realmente algo novo para leitores tão acostumados com o violento e escandaloso urbano no que é noticioso, mas não no ficcional, é algo realmente impactante, para Cerqueira (2009):

> O alerta é o da inovação literária superada pela banalização, o retrato cotidiano não como meio de expressão, mas como fórmula. Esta é até certo ponto compreensível se concebermos a literatura como (tentativa de) "retrato da sociedade e do processo de construção social (CERQUEIRA, 2009, p. 18).

"Feliz Ano Novo" é realmente algo que espanta. O violento sim já se fazia presente em outras obras no Brasil, isso é algo absolutamente comum, violência matrimonial, crimes hediondos para limpar a honra, Machado de Assis fez isso um século antes com a sua magnífica "A Cartomante", José Lins do Rego com o seu "Menino de engenho". Mostrar e representar a sociedade em que se vive e a qual rodeia não é algo que surgira após 1964 e com o próprio Rubem Fonseca, não, a literatura por si só, representa a realidade e os anseios de uma sociedade já há algum tempo, segundo Antônio Candido (2010):

> Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (CANDIDO, 2010, p. 28).

O que realmente chama a atenção é quem está em evidência, são os protagonistas e secundários que se fazem presente nas obras que realmente nos faz adentrar e comprar aquela proposta. Se tratando de uma obra fruto do período militar, tem aí nesse período, talvez, o "atiçar" para a sua produção, Alfredo Bosi (2021) em sua *História concisa da literatura brasileira,* reflete:

> O melhor da literatura feita nos anos do regime militar bateria, portanto, a rota da contraideologia, que arma o indivíduo em face do Estado autoritário e da mídia mentirosa. Ou, em outra direção, dissipa as ilusões de onisciência e onipotência do burguês, pondo a nu os seus limites e opondo-lhe a realidade da diferença [...] Aparecem a partir dos anos 70 vários narradores para os quais é a apreensão das imagens do seu universo regional que lhes serve de bússola o tempo todo (BOSI, 2021, p. 465).

É quem constrói a história que nos faz sentir assim, envolvidos. Em "Feliz Ano Novo" vemos a três sujeitos pobres, negros e que atuam no mundo do crime para assim, sobreviver. São personagens comuns e a leitura da obra nos faz estar inseridos naquela

realidade. Segundo Cerqueira (2009, p. 21): "(..) deixamos de lado o narrador clássico e convocamos ao ringue o próprio personagem a narrar, personagem por vezes iletrado". O modo de falar inculto, popular e obsceno, nos faz assemelhar aos protagonistas, mesmo que só em alguns momentos. O palavrão que choca alguns, não surpreende e nem sequer chama a atenção de outros. De acordo com Deivis Jhones Garlet (2015, p. 63): "O excerto narrativo, pertencente ao conto "Feliz Ano Novo", de Rubem Fonseca, permite a percepção do uso de uma linguagem direta, articuladora de uma mimese ao estilo realista, sem experimentalismo formal." Já Cruz (2009), pontua:

> Em seu conto "Feliz ano novo", publicado em livro homônimo (FONSECA, 1975: 9-15) o autor inaugura outra maneira de representação da marginalidade, mantendo, no entanto, os estereótipos do realismo-naturalismo. O que há de novidade, então? A voz narrativa é deslocada para um dos personagens que participa ativa e decididamente para que os fatos se desenrolem diante dos olhos do leitor. Um modo de narrar que, por sua vez, tenta simular uma espécie de aproximação do público com o universo da camada subalterna e marginal, num roteiro seguro pelo mundo do crime (CRUZ, 2009, p. 38).

Ao lermos cada passagem do conto, sentimo-nos adentrados naquele ambiente pobre e disfuncional. É possível imaginar o sofá em que eles se sentam para fumar o "baseado" ou até mesmo sentir o cheiro insuportável que está no banheiro do narrador, e que Pereba não aguenta, o que o faz ter que urinar próximo a escada, escada essa que é de acesso de todos que residem naquele prédio, mas que, mesmo assim, a falta de educação e a não empatia, tão comum entre a população de um país como o Brasil, faz com que ele não se importe. É uma realidade que nos insere, nos sentimos adentrados naquele ambiente por vezes reconhecível. Para Bosi (2015, p. 19-20), em relação ao estilo pós-modernista: "A dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, as vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual, dissonante, quase ruído"

O conto se passa no Rio de Janeiro, segunda maior cidade do Brasil e principal cartão de visitas do país, o Rio que o mundo vê é o Rio do Cristo Redentor, do Pão de Açúcar, da orla de Copacabana, com suas praias e prédios beira mar. Hoje, também, já reconhecido pelas favelas e pela pobreza e desigualdade exorbitante e rente, uma ao lado da outra. Prédios e bairros luxuosos fazem fronteira com comunidades emaranhadas e superlotadas, é díspare, algo que assusta.

O ambiente voraz e ácido se transfigura nos personagens. Para Amaral (2009, p.81): "Nesse ponto da intersecção, a narrativa fonsequiana produz a atmosfera de crueza necessária para precipitar no leitor a personagem como um enigma que carrega em si as marcas da

cidade e de sua brutalidade". O narrador vive em um conjunto habitacional que se encontra em estado deplorável, porém, ao lado de bairros de classe alta, realidade comumente normal do Rio, mas também de qualquer grande cidade Brasileira: "Este edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arrebentadas. Fudido mas é zona sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Nilópolis?" (FONSECA, 2012, p. 12).

A geografia e fisionomia discrepante da cidade brasileira é posta em evidencia na narrativa, não só bairros e ruas famosas como a do "Ouvidor", ou sítios distantes e fantasiosos como o do "Pica-Pau amarelo", não, é a paisagem vista pela janela do carro, é o plano de fundo da fotografia do livro didático, é real, é o concreto, o preto no branco como cenário de uma história fantasiosa que imita a realidade e o já conhecido. Ao analisar a desigualdade no território brasileiro e a sua relação direta com o aumento da violência, Cerqueira (2009) faz a seguinte reflexão:

> [...] o número de crimes registrados, hediondos ou não, é indubitavelmente superior ao de livros publicados, ou seja, um retrato da sociedade passa inevitavelmente pela violência e seus mecanismos no cerne do processo social. Este, falho, aglutina contradições em seu conteúdo, casebres e barracos aos fundos de prédios luxuosos, turistas estrangeiros pagando alto por safaris às favelas, extremos colidindo-se nos múltiplos espaços de convivência da metrópole, realidades díspares aos olhos uma das outras (CERQUEIRA, 2009, p. 18).

"Feliz Ano Novo" apresenta aquilo que já está ali, aquilo que já cansamos de ver, algo que já participa do nosso repertório. É uma literatura/arte, que se integra ao que a sociologia classifica "arte de agregação". De acordo com Cândido (2010), para a sociologia, a literatura se divide em dois grupos categóricos, o da arte da agregação e o da arte da segregação:

> A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a maior comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico, vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade. A segunda se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade [...]. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte; igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas (CANDIDO, 2010, p. 32).

Ao ler o conto de Fonseca, nos sentimos integrados por ele, de uma forma ou de outra. Seja pelos traços característicos das personagens que participam ativamente da obra, tanto do círculo dos personagens principais quanto do círculo da família assaltada, ou, como um reconhecedor das cenas ocorridas e do ambiente que a narrativa nos leva.

Como um célebre e notado escritor pós-modernista, Rubem Fonseca se consagra como um grande mestre do seu nicho, o *Brutalismo,* termo cunhado por Bosi e advindo da arquitetura para algo grotesco, rude, cru. Bosi (2015) usa as seguintes palavras para caracterizar a escrita de Fonseca como *Brutalista*:

> [...] arranca a sua fala direta e indiretamente das experiências da burguesia carioca, da Zona Sul, onde, perdida de vez a inocência, os "inocentes do Leblon" continuam atulhando praias, apartamentos e boatos e misturando no mesmo coquetel instinto e asfalto, objetos plásticos e expressões de uma libido sem saídas para um convívio de afeto e projeto (BOSI, 2015, p. 20).

Os personagens agem matando as pessoas de forma frívola e em certo momento, como uma brincadeira. Para Amaral (2009, p. 86): "A brutalidade decorrente choca porque na verdade é narrada sob o prisma de uma tara, de um fetiche". No momento em que Zequinha mata as suas vítimas, ele já não está fazendo isso pela necessidade da boa efetuação do assalto. Neste instante, ele está matando como um teste, para o seu próprio desfrute. A vida daquela gente para ele não vale nada, nada mais do que uma brincadeira.

Essa possível "brincadeira" pode-se correlacionar com algo corriqueiro que se convertera a morte e o assassinato de pessoas no Brasil, advindos da grande disparidade social e racial do país. Basicamente consiste em transformar a violência na literatura no que realmente ela é para o Brasil, algo banal. Para Garlet (2015):

> A cena expõe um assassinato violento por meio de um tom de normalidade, como algo prosaico, lúdico inclusive, como a referência ao "panetone" em sugestão ao tamanho do buraco aberto no peito do assassinato pela descarga da arma. Através deste excerto, podemos compreender a estreita relação entre a forma e o conteúdo, articulando uma posição de críticas à violência, tão banalizado que não causa espanto, perplexidade (GARLET, 2015, p. 66).

Essa brutalidade tão mecânica e por vezes, automática, muito se difere da estética de outros autores que trazem a violência como temática para a construção de suas histórias, como é o caso de escritoras negras brasileiras, onde a violência é trazida, mas sem a desumanização de seus personagens, questão essa que aprofundaremos mais a frente, no capítulo II deste trabalho.

A história se desenrola e caminha atravessando situações que provocam um profundo espanto e perplexidade, ela transparece para quem lê, naturalidade e continuidade, como que se matar pessoas por mero desfrute pessoal, ou arrancar um dedo com uma mordida fosse algo corriqueiro, como levar o cachorro para passear, o que realmente é, pelo menos se tratando de Brasil, mas que não unicamente apresentada artisticamente por aqui.

Essa violência rápida, escrachada e visceral se convertera em algo muito presente em obras estadunidenses e europeias durante toda a década de 70, época de clássicos cinematográficos como “O poderoso chefão” e “Táxi Driver”, período histórico de escrita do livro e onde Rubem Fonseca também “bebe da fonte”.

De volta a “Feliz Ano Novo”, os acontecimentos e reações são passadas secamente e sem alarde, segundo Cerqueira (2009, p. 22): “O conto passa pelos olhos do leitor, como simples relato de uma “aventura” de fim de ano, e este ponto dá-se justamente pela aproximação entre narrador e personagem”.

1.2. **A violência de “Feliz Ano Novo” é a violência do Brasil da ditadura.**

Não é incomum um cidadão jovem de hoje escutar de um cidadão mais velho frases como “bom era na ditadura, aí sim, existia segurança”. Proferidas geralmente por cidadãos que viveram na época e que usam da sua idade e experiência para reafirmar e relembrar um passado dito como glorioso e vivaz, em que nada se parece com o Brasil de hoje, tão violento e disfuncional, ou por jovens reacionários, detentores das suas verdades e convicções, geralmente conservadora, de um Brasil tradicional. Mas será mesmo que viver no Brasil no período que se estende de 1964 a 1985 era vivenciar um sonho americano (estadunidense) dos trópicos? A resposta é não. E “Feliz Ano Novo” desmente essa ilusão, para Garlet (2015):

> O meio ideológico no qual Rubem Fonseca está imerso ao criar *Feliz Ano Novo* é a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), caracterizada pelo autoritarismo, pela violência e pela censura, orientadas pela Doutrina de Segurança Nacional, a qual prevê o combate aos supostos subversivos como uma meta imprescindível [...] (GARLET, 2015, p. 64).

A famosa “Ditabranda”, como muitos adoram por se referir (principalmente aqueles que afirmam que a ditadura brasileira não matou bastante ou “o bastante” em comparativo com outras ditaduras latinas, como a chilena) e usam tal termo como meio de legitimação de práticas sanguinárias e hostis frente a um “suposto desenvolvimento social”, não passa de falácias. Tratava-se de um governo hipócrita, que via um atentado a moral e aos bons costumes em obras como “Feliz Ano Novo” e por isso a censurava, no mesmo tempo em que torturavam e exterminavam pessoas em galpões fétidos. Marcos Napolitano (2014) apresenta:

> Entrar neste debate pode nos conduzir a várias armadilhas da história e, sobretudo, da memória. É inegável que a fase pré-AI-5 ainda não era marcada pela censura prévia rigorosa e pelo terror de Estado sistemático contra opositores, armados ou

> não. Mas isso significa diminuir o caráter autoritário do regime de 1964? Para resolver esta equação sem recair na memória construída tanto pelos liberais civis quanto pelos generais alinhados ao chamado "castelismo", que gostam de afirmar o caráter reativo e brando do regime entre 1964 e 1968, é preciso refletir sobre os objetivos fundamentais do golpe de Estado e do regime que se seguiu imediatamente a ele. O autoritarismo implantado em 1964, apoiado pela coalização civil-militar que reunia liberais e autoritários, tinha dois objetivos políticos básicos. [...] O primeiro objetivo era destruir uma elite política e intelectual reformista cada vez mais encastelada no Estado. As cassações e os inquéritos policial-militares (IPM) foram os instrumentos utilizados para tal fim. [...] O segundo objetivo, não menos importante, era cortar os eventuais laços organizativos entre essa elite intelectual e os movimentos sociais de base popular, como o movimento operário e camponês (NAPOLITANO, 2014, p. 66-67).

O conto escancara de forma rápida e sem assombro aquilo que se vivia e se desenrolava nas entranhas do Brasil, principalmente o urbano e da década de 70, dos ditos anos de chumbo pós AI-5, um país de sociedade majoritariamente miserável e esquecida, envolta em violência e promiscuidade gratuita. Mas que, ainda assim, um mesmo Brasil que não enxergava isso com olhos de justiça e preocupação, um país cego e hipócrita, gerido por um governo autoritário e assassino, que matava pela sua manutenção e fechava os olhos para as suas necessidades, mantido ainda, por uma classe média e uma elite egocêntrica e nem um pouco empática. Para Souza (2017):

> Foram mais de vinte anos de ditadura feroz e de aprofundamento da já abissal desigualdade brasileira. Desenvolveu-se um modelo econômico e social que beneficiou unicamente a elite do dinheiro, que ganhou novos parceiros internacionais na exploração de um mercado interno cativo e de pouca produtividade. A classe média, que somava no máximo 20% do país, tornou-se a consumidora dos automóveis e dos bens duráveis mais caros e de menor qualidade, na comparação internacional, que o país passou a produzir, relegando as classes populares ao arrocho salarial. O Brasil da elite do dinheiro realizou o seu ideal e se converteu em um país para 20% de sua população, que era e ainda é o tamanho da classe média entre nós (SOUZA, 2017, p. 83).

"Feliz Ano Novo", o conto assim como o livro como um todo, traz à tona em plena ditadura militar, o retrato de um Brasil conhecido e negligenciado, um país que até então colhia os frutos do dito "milagre econômico" e de um povo que aguardava ansiosamente o "inchaço do bolo" da economia, para assim, receber a sua fatia, mas que, sabemos, ao desenrolar da história, fatia essa até hoje aguardada.

Viver no Brasil da ditadura, era viver num país tomado pela violência. Violências fruto da desigualdade extrema. Essa sempre viva e até hoje não amenizada. A violência do próprio Estado, a violência dos galpões escuros, das torturas. Além, claro, da violência do embate, do choque entre cidadãos em busca de liberdade e democracia, com o aparato estatal,

as forças de segurança nacional, defensores do sistema, que acaba sendo novamente, uma violência advinda do Estado.

A violência, fruto da pobreza, advinda e causada pela alta concentração de renda, é a retratada no conto. Ela estava ali e todos da sociedade que consumiam informação, principalmente, através de jornais e dos rádios ou até mesmo, que as vivenciavam, sentindo na carne, tinham conhecimento dela. Os jornais eram e até hoje são, uma grande fonte para compreender o país em que vivemos, e mesmo no período da ditadura, com jornais parciais e muitas vezes coniventes com o regime. De acordo com Marcos Napolitano (2014), no período ditatorial, os jornais contribuíram para a derrubada de Jango [2]e da democracia:

> Os grandes jornais, até então divididos em relação à figura do presidente João Goulart, começaram a se articular na chamada "Rede de Democracia", nome pomposo para a articulação golpista que tinha na imprensa mais do que um mero porta-voz. Com efeito, os jornais passaram a ser peças-chave na conspiração a partir do final de 1963 (NAPOLITANO, 2014, p. 45).

Mesmo com jornais pouco confiáveis no quesito da imparcialidade em relação a ditadura e até mesmo ao governo como um todo, em muitos deles encontramos relatos do dia a dia praticamente idênticos aos de hoje. Assassinatos, estupros, assaltos, toda a violência apresentada em "Feliz Ano Novo" pode ser vislumbrada nas linhas de periódicos da época, mais especificamente, da década de 1970, anos em que Fonseca escreveu as histórias e publicou a obra. Exemplo da verossimilhança, em uma seção intitulada "Policiais" e presente no até então vigente, *Diário de Pernambuco* (1970), encontramos a seguinte matéria:

policiais

Equipe

Quem matou o padre Henrique?

No dia 27 de maio, foi assassinado o padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto. O crime de que foi vítima o humilde sacerdote abalou não só o Brasil, mas o mundo inteiro, dado a maneira brutal e violenta como foi perpetrado.

Jornais e revistas brasileiras, agências telegráficas e os mais destacados periódicos da América Latina e da Europa, comentaram o assunto. O Papa Paulo VI enviou condolências ao episcopado do Brasil e à Arquidiocese de Olinda e Recife.

Ainda hoje, um denso mistério cerca o crime. Não se sabe quem são efetivamente os seus autores diretos ou indiretos e qual a verdadeira motivação da chacina.

As opiniões se dividem. Para a maioria, Rogério Matos do Nascimento não matou sózinho. Juntamente com mais dois ou três comparsas, teria realizado o massacre, ou a mando de terceiros ou enfurecidos pela ação de drogas.

NOVAS SUSPEITAS

Recentemente foram denunciados pela Justiça, como implicados no homicídio, Pedro Jorge Beserra Leite, Jorge Tavares e o suiço Michel Maurice Och. A verdade, entretanto, e que provas concretas ninguém tem, a não ser que novos fatos possam surgir. Basta citar a contradição da testemunha Samuel Sena, serviçal do engenho "Muribara", ao negar tôdas as denúncias formuladas ao sr. Trindade Henrique contra êsses implicados. A morte do padre Henrique continua em mistério e, para alguns, o crime nunca será desvendado e os seus atores descobertos.

Crimes bárbaros e misteriosos marcaram ano velho

O desastre do "Hércules"

Na manhã do dia 21, domingo, centenas de pessoas viram o "Hercules" C-130 da FAB, cortando os céus envôlto em chamas. Todos presentiram o iminente desastre que se avizinhava e exatamente às 7 horas, o avião chocou-se contra o solo, causando a morte de seus ocupantes. O avião pernoitara na 2a. Zona Aérea e procedia da Europa, com destino à Guanabara.

O capitão-Aviador Nei Custódio Adiliano, capitão José da Silva, sub-oficiais Luis Pereira da Fonseca, Nilton Pinto da Rocha, Osvaldo Pereira e David dos Santos e os primeiros sargentos Edmundo da Silva e Pedro Maia Rodrigues foram as vítimas do acidente que teria se transformado na maior catástrofe aviatória. A tripulação do "Hercules", numa manobra ousada e arriscada, evitou que o poderoso avião se chocasse contra umas casas no atêrro Zanguê, salvando assim a vida de dezenas de pessoas.

A Segunda Zona Aérea não antecipou qualquer hipótese sôbre as causas do desastre e instalou uma comissão de inquérito. A comissão estêve no local do desastre observando tudo e examinando os destroços.

Contingentes da Fôrça Aérea Brasileira se deslocaram para o Zanguê providenciando a remoção dos corpos carbonizados para o Hospital da Aeronáutica, onde foram embalsamados. Mais de duas mil pessoas se aglomeraram nas imediações do local onde o avião caiu, enquanto várias guarnições de bombeiros debelavam as chamas que se alastravam nos restos da aeronave.

Fogo nos canaviais

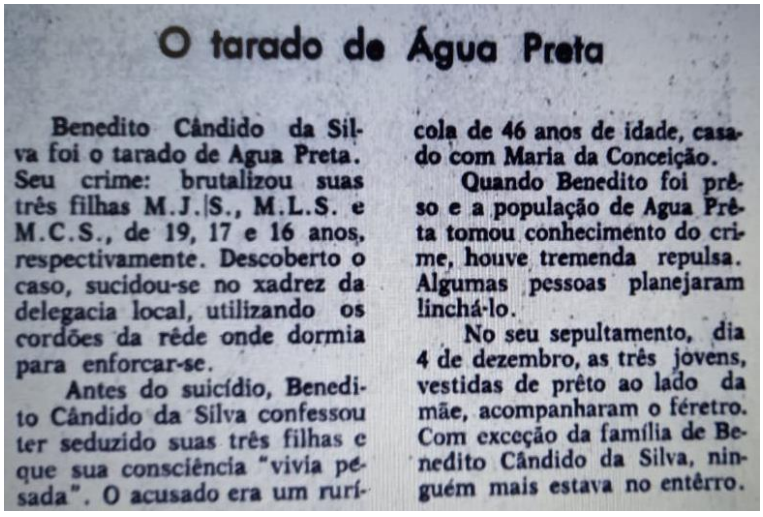
No dia 26 de novembro, agentes do DOPS prenderam um dos mais perigosos e importante líder subversivo, que ção desesperadora por causa da ação do grupo que trabalhava para "Capivara". FINAL

Figura 1 Página em que está inserida a matéria do Diário de Pernambuco (p. 6)

[2] João Belchior Marques Goulart conhecido popularmente por "Jango", foi o presidente do Brasil do período de 8 de setembro de 1961 até 31 de março de 1964, ano em que foi derrubado pelo golpe civil-militar.

Ainda na mesma seção, identificamos um trecho que trata de explanar um estupro ocorrido na cidade de Água Preta, interior de Pernambuco, onde um pai agrediu suas três filhas e logo em seguida, se matou. No conto, lemos a cena em que Zequinha estupra uma das reféns na casa, de forma sórdida e com nenhum remorso. O brutal escancarado presente em "Feliz Ano Novo", em quase ou em nada se diferencia do lido pela população em geral nos periódicos da época:

> Benedito Cândido da Silva foi o tarado de Água Preta. Seu crime: brutalizou suas três filhas M.J.S., M.L.S. e M.C.S., de 19, 17 e 16 anos, respectivamente. Descoberto o caso, suicidou-se no xadrez da delegacia local, utilizando os cordões da rede onde dormia para enforcar-se. Antes do suicídio, Benedito Cândido da Silva confessou ter seduzido suas três filhas e que sua consciência "vivia pesada". O acusado era um rurícola de 46 anos de idade, casado com Maria da Conceição. Quando Benedito foi preso e a população de Água Preta tomou conhecimento do crime, houve tremenda repulsa. Algumas pessoas planejaram linchá-lo. No seu sepultamento, dia 4 de dezembro, as três jovens, vestidas de preto ao lado da mãe, acompanharam o féretro. Com exceção da família de Benedito Cândido da Silva, ninguém mais estava no enterro (*Diário de Pernambuco*, 1970, p. 6).



O tarado de Água Preta

Benedito Cândido da Silva foi o tarado de Agua Preta. Seu crime: brutalizou suas três filhas M.J.S., M.L.S. e M.C.S., de 19, 17 e 16 anos, respectivamente. Descoberto o caso, sucidou-se no xadrez da delegacia local, utilizando os cordões da rêde onde dormia para enforcar-se.

Antes do suicídio, Benedito Cândido da Silva confessou ter seduzido suas três filhas e que sua consciência "vivia pesada". O acusado era um rurícola de 46 anos de idade, casado com Maria da Conceição.

Quando Benedito foi prêso e a população de Agua Prêta tomou conhecimento do crime, houve tremenda repulsa. Algumas pessoas planejaram linchá-lo.

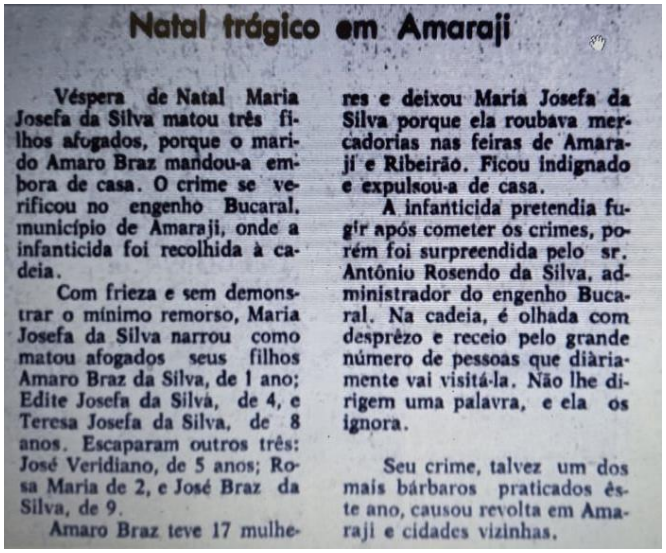
No seu sepultamento, dia 4 de dezembro, as três jovens, vestidas de prêto ao lado da mãe, acompanharam o féretro. Com exceção da família de Benedito Cândido da Silva, ninguém mais estava no entêrro.

Figura 2 Trecho da manchete do Diário de Pernambuco (p .6)

O estupro efetuado no conto, que tanto nos choca pela brutalidade e pelo animalesco, pouco se difere do comumente presenciado pelos consumidores diários da informação na década de 1970 e apresentado no trecho lido, pelo menos no quesito "brutalidade humana", tendo em vista que o conto narra episódios urbanos, e o trecho apresentado, cenas rurais. O cidadão comum brasileiro, assim como hoje, estava a todo instante se deparando com noticiários sobre assassinatos escandalosos, vezes causados por grandes conturbações, vezes por miudezas. Continuando neste mesmo periódico, encontramos mais um caso que revela até onde a brutalidade humana pode chegar. Assim como o caso de Benedito Cândido, a brutalidade também acontece no contexto familiar. Uma mulher, na véspera de Natal, matou

os seus três filhos afogados após ser abandonada pelo marido. Mais uma vez, temos a um ocorrido de caráter rural:

> Véspera de Natal, Maria Josefa da Silva matou três filhos afogados, porque o marido, Amaro Braz, mandou-a embora de casa. O crime se verificou no engenho Bucaral, município de Amaraji, onde a infanticida foi recolhida à cadeia. Com frieza e sem demonstrar o mínimo remorso, Maria Josefa da Silva narrou como matou afogados seus filhos: Amaro Braz da Silva, de 1 ano; Edite Josefa da Silva, de 4, e Teresa Josefa da Silva, de 8 anos. Escaparam outros três: José Veridiano, de 5 anos; Rosa Maria de 2, e José Braz da Silva, de 9. Amaro Braz teve 17 mulheres e deixou Maria Josefa da Silva porque ela roubava mercadorias nas feiras de Amaraji e Ribeirão. Ficou indignado e expulsou-a de casa. A infanticida pretendia fugir após cometer os crimes, porém foi surpreendida pelo Sr. Antônio Rosendo da Silva, administrador do engenho Bucaral. Na cadeia, é olhada com desprezo e receio pelo grande número de pessoas que diariamente vai visitá-la. Não lhe dirigem uma palavra, e ela os ignora. Seu crime, talvez um dos mais bárbaros praticados este ano, causou revolta em Amaraji e cidade vizinhas (*Diário de Pernambuco*, 1970, p. 6).



Natal trágico em Amaraji

Véspera de Natal Maria Josefa da Silva matou três filhos afogados, porque o marido Amaro Braz mandou-a embora de casa. O crime se verificou no engenho Bucaral, município de Amaraji, onde a infanticida foi recolhida à cadeia.

Com frieza e sem demonstrar o mínimo remorso, Maria Josefa da Silva narrou como matou afogados seus filhos Amaro Braz da Silva, de 1 ano; Edite Josefa da Silva, de 4, e Teresa Josefa da Silva, de 8 anos. Escaparam outros três: José Veridiano, de 5 anos; Rosa Maria de 2, e José Braz da Silva, de 9.

Amaro Braz teve 17 mulheres e deixou Maria Josefa da Silva porque ela roubava mercadorias nas feiras de Amaraji e Ribeirão. Ficou indignado e expulsou-a de casa.

A infanticida pretendia fugir após cometer os crimes, porém foi surpreendida pelo sr. Antônio Rosendo da Silva, administrador do engenho Bucaral. Na cadeia, é olhada com desprêzo e receio pelo grande número de pessoas que diàriamente vai visitá-la. Não lhe dirigem uma palavra, e ela os ignora.

Seu crime, talvez um dos mais bárbaros praticados êste ano, causou revolta em Amaraji e cidades vizinhas.

Figura 3 Trecho da matéria do Diário de Pernambuco (p. 6)

Em "Feliz Ano Novo", antes de darem início ao assalto, os três protagonistas do conto conversam acerca de como estava cada dia mais perigoso efetuar roubos na cidade do Rio de Janeiro e como a polícia efetuava suas ações de forma cada vez mais violenta. Zequinha conta alguns casos ocorridos com alguns dos seus conhecidos:

> Pra falar a verdade a maré também não tá boa pro meu lado, disse Zequinha. A barra tá pesada. Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevé e estrangularam. O Minhoca, porra! O Minhoca! crescemos juntos em Caxias, o cara era tão míope que não enxergava daqui até ali, e também era meio gago — pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arrebentado. Pior foi com o Tripé. Tacaram fogo nele. Virou torresmo. Os homens não tão dando sopa, disse Pereba (FONSECA, 2012, p. 9).

A passagem relata o quanto a violência policial, encenada no conto, caminha para uma equiparação com a violência civil desenvolvida por criminosos, o que se torna algo que gera uma ira ainda maior em ambas as partes. No conto, a seguinte passagem exemplifica bem esse sentimento de ódio: "Zequinha pegou a Magnum. Joia, joia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá" (FONSECA, 2012, p. 9).

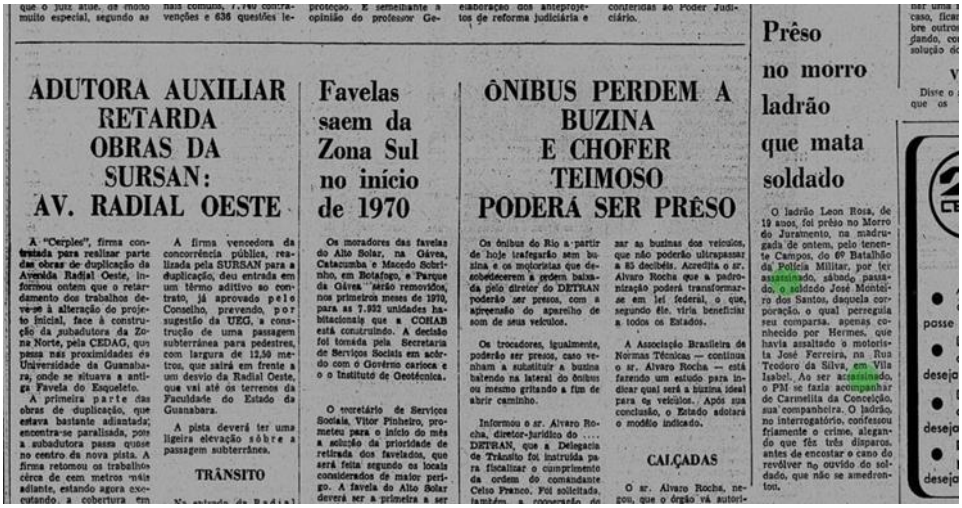
O jornal carioca *Correio da Manhã*, traz em sua edição de número 23532 um acontecimento que envolveu um bandido e um policial, fato que retrata a tensão constante que se espalhava pela cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 1970, e que é representada no conto de Fonseca. No jornal lemos:

> O ladrão Leon Rosa, de 19 anos, foi preso no Morro do Juramento, na madrugada de ontem, pelo tenente Campos, do 6º Batalhão da Polícia Militar, por ter assassinado, sábado, passado, o soldado José Monteiro dos Santos, daquela corporação, o qual perseguia seu comparsa, apenas conhecido por Hermes, que havia assaltado o motorista José Ferreira, na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel. Ao ser assassinado, o PM se fazia acompanhar de Carmelita da Conceição, sua companheira. O ladrão, no interrogatório, confessou friamente o crime, alegando que fez três disparos, antes de encostar o cano do revólver no ouvido do soldado, que não se amedrontou (*Correio da manhã*, 1970, p. 5).

Prêso no morro ladrão que mata soldado

O ladrão Leon Rosa, de 19 anos, foi prêso no Morro do Juramento, na madrugada de ontem, pelo tenente Campos, do 6º Batalhão da Polícia Militar, por ter assassinado, sábado passado, o soldado José Monteiro dos Santos, daquela corporação, o qual perseguia seu comparsa, apenas conhecido por Hermes, que havia assaltado o motorista José Ferreira, na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel. Ao ser assassinado, o PM se fazia acompanhar de Carmelita da Conceição, sua companheira. O ladrão, no interrogatório, confessou friamente o crime, alegando que fez três disparos, antes de encostar o cano do revólver no ouvido do soldado, que não se amedrontou.

Figura 4 Trecho da matéria do Correio da Manhã (p. 5)



ADUTORA AUXILIAR RETARDA OBRAS DA SURSAN: AV. RADIAL OESTE

A "Cerpiel", firma contratada para realizar parte das obras de duplicação da Avenida Radial Oeste, informou ontem que o retardamento dos trabalhos deve-se à alteração do projeto inicial, face à construção da subadutora da Zona Norte, pela CEDAG, que passa nas proximidades da Universidade da Guanabara, onde se situava a antiga Favela do Esqueleto.

A primeira parte das obras de duplicação, que estava bastante adiantada, encontra-se paralisada, pois a subadutora passa quase no centro da nova pista. A firma retomou os trabalhos cêrca de cem metros mais adiante, estando agora executando a cobertura em

A firma vencedora da concorrência pública, realizada pela SURSAN para a duplicação, deu entrada em um têrmo aditivo ao contrato, já aprovado pelo Conselho, prevendo, por sugestão da UEG, a construção de uma passagem subterrânea para pedestres, com largura de 12,50 metros, que sairá em frente a um desvio da Radial Oeste, que vai até os terrenos da Faculdade do Estado da Guanabara.

A pista deverá ter uma ligeira elevação sôbre a passagem subterrânea.

TRÂNSITO

Favelas saem da Zona Sul no início de 1970

Os moradores das favelas do Alto Solar, na Gávea, Catacumba e Macedo Sobrinho, em Botafogo, e Parque da Gávea serão removidos, nos primeiros meses de 1970, para as 7.932 unidades habitacionais que a COHAB está construindo. A decisão foi tomada pela Secretaria de Serviços Sociais em acôrdo com o Govêrno carioca e o Instituto de Geotécnica.

O secretário de Serviços Sociais, Vítor Pinheiro, prometeu para o início do mês a solução da prioridade de retirada dos favelados, que será feita segundo os locais considerados de maior perigo. A favela do Alto Solar deverá ser a primeira a ser

ÔNIBUS PERDEM A BUZINA E CHOFER TEIMOSO PODERÁ SER PRÊSO

Os ônibus do Rio a partir de hoje trafegarão sem buzina e os motoristas que desobedecerem a ordem baixada pelo diretor do DETRAN poderão ser presos, com a apreensão do aparelho de som de seus veículos.

Os trocadores, igualmente, poderão ser presos, caso venham a substituir a buzina batendo na lateral do ônibus ou mesmo gritando a fim de abrir caminho.

Informou o sr. Alvaro Rocha, diretor-jurídico do DETRAN, que a Delegacia de Trânsito foi instruída para fiscalizar o cumprimento da ordem do comandante Celso Franco. Foi solicitado, também, a concessão de

sar as buzinas dos veículos, que não poderão ultrapassar a 85 decibéis. Acredita o sr. Alvaro Rocha que a padronização poderá transformar-se em lei federal, o que, segundo êle, viria beneficiar a todos os Estados.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas — continua o sr. Alvaro Rocha — está fazendo um estudo para indicar qual será a buzina ideal para os veículos. Após sua conclusão, o Estado adotará o modêlo indicado.

CALÇADAS

O sr. Alvaro Rocha, negou, que o órgão vá autori-

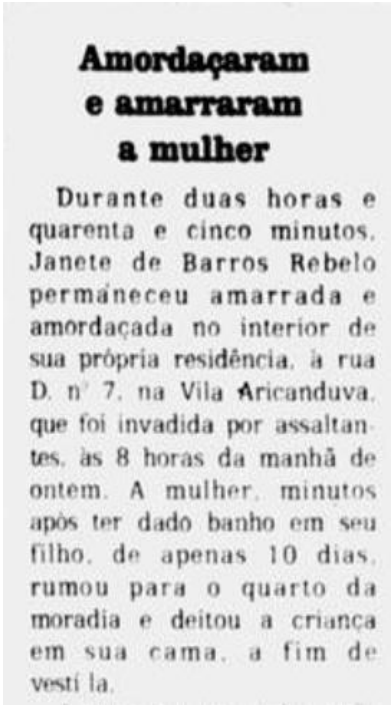
Prêso no morro ladrão que mata soldado

O ladrão Leon Rosa, de 19 anos, foi prêso no Morro do Juramento, na madrugada de ontem, pelo tenente Campos, do 6º Batalhão da Polícia Militar, por ter assassinado, sábado passado, o soldado José Monteiro dos Santos, daquela corporação, o qual perreguia seu comparsa, apenas conhecido por Hermes, que havia assaltado o motorista José Ferreira, na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel. Ao ser assassinado, o PM se fazia acompanhar de Carmelita da Conceição, sua companheira. O ladrão, no interrogatório, confessou friamente o crime, alegando que fêz três disparos, antes de encostar o cano do revólver no ouvido do soldado, que não se amedrontou.

Figura 5 Página em que está inserida a matéria do Correio da Manhã (p. 5)

A morte e a carnificina, que tanto chocam algumas pessoas ao lerem a obra de Rubem Fonseca, assim como o seu método de escrita, tão criticado pela censura em 1975 (motivo ao qual levou a sua proibição), revela a hipocrisia do discurso dos militares. Tendo em vista que a ficção criada por Fonseca pouco se diferenciava do que acontecia na realidade cotidiana e virava notícia nos jornais diários. A pobreza estava ali, a violência também, o meio que encontraram não foi resolvê-la, mas sim, maquiá-la. Outro relato de violência cotidiana social é apresentado na edição 15987, de 1978, do Jornal paulista *Diário da noite*, onde uma matéria relata a invasão de uma residência. Bandidos invadiram a casa e fizeram uma mulher e seu filho de apenas 10 dias de reféns:

> Durante duas horas e quarenta e cinco minutos, Janete de Barros Rabelo permaneceu amarrada e amordaçada no interior de sua própria residência, à rua D. n. 7, na Vila Aricanduva, que foi invadida por assaltantes, às 8 horas da manhã de ontem. A mulher, minutos após ter dado banho em seu filho, de apenas 10 dias, rumou para o quarto da moradia e deitou a criança em sua cama, a fim de vesti-la. Janete estava colocando talco no filho, quando foi surpreendida por dois assaltantes que invadiram a residência pela cozinha. De armas em punho, os dois bandidos amarraram e amordaçaram a mulher, fugindo em seguida, após terem roubado 15 mil cruzeiros em dinheiro e 16 mil cruzeiros em joias. Duas horas e 45 minutos depois, Janete foi libertada pelo seu vizinho, Leonildo Caetano da Silva, morador na mesma rua, n. 11, que estranhou o fato de a criança estar chorando muito. Janete apresentou queixa no 21 Distrito Policial (Vila Matilde), tendo a autoridade de serviço solicitado auxílio a Divisão de Crimes Contra o Patrimônio do Deic (*Diário da noite,* 1978, p. 23).



Amordaçaram e amarraram a mulher

Durante duas horas e quarenta e cinco minutos, Janete de Barros Rebelo permaneceu amarrada e amordaçada no interior de sua própria residência, à rua D. nº 7, na Vila Aricanduva, que foi invadida por assaltantes, às 8 horas da manhã de ontem. A mulher, minutos após ter dado banho em seu filho, de apenas 10 dias, rumou para o quarto da moradia e deitou a criança em sua cama, a fim de vesti-la.

Figura 6 Trecho da matéria no Jornal Diário da Noite (p. 23)

DIARIO DA NOITE — Segunda-feira, 2 de janeiro de 1978 — POLÍTICA — Página 23

policia dia & noite
Wilson Cocchi

Diferente...

Na Favela do Buraco Quente, o filho do Luis «Mão de Sabão grita no meio da noite
— Papai, papai. A mamãe morreu.
— Ok, meu chapa. Comece a chorar que eu já vou...

VOCÊ!
LEMBRE-SE DISSO
Concurso para Escriturários

OPINIÕES

• Está aí uma idéia de que mereceremos ao cel. Antonio Erasmo Dias, para exame. Nos EUA, as autoridades policiais, tendo em vista o crescente aumento da criminalidade, solicitaram a cooperação das populações dos grandes centros, como Nova York, Chicago, Los Angeles e etc...

• Essa cooperação é simples e tem o auxílio de um instrumento antigo e comum: o apito. A Polícia aconselhou a todo cidadão andar com um apito no bolso. Se presenciar ou for vítima de um caso que reclame a ação pronta e fulminante dos agentes policiais — que **la andam espalhados por todos os cantos** — é levar o apito à boca e soprar com vontade.

• **O malandro** — a prática já o demonstrou — **evidentemente** ter pavor do apito. Secretaria: vamos aconselhar o pessoal daqui a agitar também. **A Polícia de São Paulo is quando fala da Polícia fala da Civil e da Militar, indisso** (desnecessário) **melhorou muita. Deve melhorar muito mais.** Treine, deve.

Registro

Amordaçaram e amarraram a mulher

Durante duas horas e quarenta e cinco minutos, Janete de Barros Rebelo permaneceu amarrada e amordaçada no interior de sua própria residência, a rua D. n° 7, na Vila Aricanduva, que foi invadida por assaltantes, às 8 horas da manhã de ontem. A mulher, minutos após ter dado banho em seu filho, de apenas 10 dias, rumou para o quarto da moradia e deitou a criança em sua cama, a fim de vesti-la.

Janete estava colocando talco no filho, quando foi surpreendida por dois assaltantes que, invadiram a residência pela cozinha. De armas em punho, os dois bandidos amarraram e amordaçaram a mulher. Logo em seguida, após terem roubado 15 mil cruzeiros em dinheiro e 16 mil cruzeiros em jóias, Duas horas e 45 minutos depois, Janete foi libertada pelo seu vizinho, Leonildo Caetano da Silva, morador na mesma rua. O 11, que estranhou o fato de a criança estar chorando muito, Janete apresentou queixa no 21° Distrito Policial (Vila Matilde), tendo a autoridade de serviço solicitado auxílio à Divisão de Crimes Contra o Patrimônio do Dec.

Levaram 110 mil da casa de esportes

Deu um tiro no companheiro

Comerciante mata e se suicida

Imperatriz Soprite Ltda.
Para a sua mesa de Natal você encontrará tudo o que possa imaginar na barraca SAPORITO
Rua F. N.° 16 - Fone: 229 0811
Mercado Municipal - São Paulo

JANDA
ONDE E MAIS FACIL COMPRAR SEU DODGE
Rua Rosa e Silva, 104
Tel.: 825-2033
PABX

Diamante Negro
deixa você mais forte
Diamante Negro
LACTA

Figura 7 Página em que está inserida a matéria do Diário da Noite (p. 23)

Em se tratando de violência civil, uma violência das ruas, proferidas por cidadãos contra cidadãos, advinda da desigualdade social, consiste-se apenas em uma das facetas da violência vigente no período ditatorial brasileiro, que vai de 1964 a 1985. A violência encenada no conto e reafirmada a partir das leituras dos artigos jornalísticos é fruto da

concentração de renda, concentração essa que mesmo quando adentramos o período da década de 1970, anos do "milagre econômico", tão repetido pelos defensores do regime, ou dos "anos de chumbo", se aprofundou.

A noção de uma melhoria econômica era sentida em algumas camadas sociais, segundo Gaspari (2002, p. 213): "Um de cada dois brasileiros achava que o seu nível de vida estava melhorando, e sete em cada dez achavam que 1971 seria um ano de prosperidade econômica superior a 70". Mas a verdade é que, concretamente, as coisas não funcionaram tão simples assim, para Napolitano (2014, p. 134): "Apesar do desenvolvimento inegável e da expansão capitalista, a maior parte da sociedade brasileira não pôde desfrutar os resultados materiais desse processo de maneira sustentável e equânime", e ainda, reafirma:

> O salário mínimo teve uma perda real de 25% entre 1964 e 1966 e 15% entre 1967 e 1973. A mortalidade infantil caiu no ritmo esperado para uma potência econômica em ascensão (131/100 mil em 1965, 120/100 mil em 1970, e 113/100 mil em 1975). Já foi dito que não se faz omelete sem quebrar os ovos. Neste caso, os ovos eram os trabalhadores mais pobres e desqualificados que garantiam a mão de obra barata no campo e na cidade. Entretanto, até o final dos anos 1970, a ampla oferta de emprego e a inflação alta, mas realmente controlada, atenuavam os efeitos de renda (NAPOLITANO, 2014, p. 136).

Em suma, o país seguia em seu emaranhado de percalços contínuos, porém, com pequenas doses de "perceptíveis" sinais de bem-estar que o governo propagandeava como grande trunfo nacional. Analogicamente falando, para um povo quase que afogado em problemas sociais e econômicos, um canudo dado pelo governo funcionava como um bote. Napolitano (2014) complementa:

> É inegável que, para a imensa maioria da população pouco envolvida com a ideologia revolucionária da esquerda e sem uma opinião política muito clara e coerente, o Brasil vivia tempos gloriosos no começo dos anos 1970: pleno emprego, consumo farto com créditos a perder de vista, frenesi na bolsa de valores, tricampeão do mundo de futebol. Grandes obras "faraônicas" eram veiculadas pela mídia e pela propaganda oficial como exemplos de que o gigante havia despertado, como a Ponte Rio-Niterói, a usina de Itaipu e a Rodovia Transamazônica. Para os mais pobres, a fartura, ainda que concentrada, fazia sobrar algumas migalhas (NAPOLITANO, 2014, p. 145).

As mazelas da desigualdade social que a ditadura causaria na sociedade brasileira e que seria sentida com mais ênfase na década de 1980 com a hiperinflação, fora fruto de um grande plano de apadrinhamento para com a elite então e sempre reinante, e com a nova classe média que emergia. Fora criado um verdadeiro sistema segregacionista ao qual Souza (2017) chama de *Apartheid de classes*, onde uma minoria passou a gozar de meios e espaços

“emplastificados” de bem-estar social, e a margem à grande maioria da população sofrendo das maiores tristezas que só a pobreza extrema pode causar, cenário esse em que se encaixa os personagens principais de “Feliz Ano Novo”. Zequinha e seus amigos configuram-se como a “casta” inferior da sociedade, a que sustenta o topo, estes que gozam de boas vestes e boas comidas enquanto esperam a chegada do Ano novo. Souza (2017) afirma:

> O golpe de 1964 realiza na prática o acordo antipopular da elite e da classe média ao levar ao paroxismo a constituição de uma sociedade baseada no mais completo apartheid de classes. Passa a existir um mercado de produtos restritos para as classes do privilégio e outro mercado pior e mais precário para as classes populares. Além disso, também todos os serviços, inclusive os do Estado, passam a institucionalizar e separar a escola de classe média da escola dos pobres, hospital da classe média e hospital para pobres, bairros de classe média e bairros para pobres, e assim por diante. Passam a subsistir dois países dentro do mesmo espaço, que o economista Edmar Bacha chamou de “Belíndia”, uma pequena Bélgica para os 20% de privilegiados e uma grande Índia empobrecida e carente para os 80% restantes. É possível agora ser de classe média e não mais compartilhar espaços sociais com as classes populares. O brasileiro de classe média passa a se ver efetivamente como um belga e só ver os “indianos”, em casa obedientes e domesticados, como os velhos escravos domésticos. Essa passa a ser a normalidade da vida social brasileira (SOUZA, 2017, p. 83).

“Feliz Ano Novo” retrata o disfuncional que era (e que é) a sociedade brasileira, desigual, bruta, violenta e em certa forma, desinteressada! Desinteressada olhando pela perspectiva daqueles que curtem a festa e que são alheios à sua volta, isso até o momento de terem a sua bolha furada. A desigualdade, o dito *Apartheid de classes* de Jessé Souza está ali a todo momento, de um lado os famintos, desamparados e transformados pelo meio em verdadeiros “monstros”, armas de matar, do outro, uma elite/classe média fingida, despreocupada com aquilo que os circunvizinha. De certa maneira podemos enxergar um “muro invisível” que os separa, e que esse muro, não potente, vez ou outra se abre, dando brechas ao choque, o embate, que é justamente o que se passa no conto. Essa noção pode ser perpassada para uma foto muito famosa do fotógrafo brasileiro Tuco Vieira e que recentemente, ao completar 18 anos desde o seu registro, virara notícia numa edição do dia 23 de Janeiro de 2022, do jornal espanhol *El país.* Na notícia podemos ver:

BRASIL >

El retrato de la desigualdad detrás de la foto de la favela y el barrio rico de Brasil

Una de las imágenes más reproducidas para ilustrar la brecha entre ricos y pobres cumple 18 años. EL PAÍS habla con su autor y repasa los datos por los que escenas como esta se mantienen vigentes

Figura 8 Matéria da versão digital do jornal El País[3]

Tratar o período militar como um período áureo de paz generalizada e bem-estar resplandecente caracteriza-se como meramente uma visão imaginativa, extremamente ufanista ou basicamente, como arma defensória de um período trágico. Rubem Fonseca escancara em "Feliz Ano Novo" um Brasil perigoso, pobre e disfuncional. Brasil esse até então gerido por algozes sanguinários, que, emparelhados à pobreza, matavam sem piedade.

Sangue fora derramado no asfalto, advindo da criminalidade e das mãos daqueles responsáveis pela proteção. Também no campo e nos galpões escuros e fétidos do anonimato. Não havia saída, para onde caminhasse, havia violência e desespero no Brasil militar, isso claro, recaído com maior força, como sempre, para os mais pobres e negros, algo que se mantém quase ou igualmente idêntico aos dias de hoje, como poderemos perceber mais nitidamente na análise que desenvolveremos no capítulo a seguir.

[3] Em tradução livre, temos: "O retrato da desigualdade detrás da foto da favela e do bairro rico do Brasil: Uma das imagens mais reproduzidas para ilustrar a brecha entre ricos e pobres completa 18 anos. *EL PAÍS* fala com seu autor e repassa os dados do porquê cenas como está mantem-se vigentes.

CAPÍTULO II

2. Dissecando “Os pobres e os ricos"

“Os pobres e os ricos” é um conto presente no livro *Amálgama*, do escritor Rubem Fonseca, publicado no ano de 2013. A narrativa se centra em basicamente dois personagens, o narrador, que não tem seu nome mencionado, e Bola 7, o amigo que o deixa a missão de guardar uma arma. Assim como em “Feliz Ano Novo”, o assunto central da obra é a violência urbana, a violência causada, principalmente, pelo fosso profundo que separa a vida dos pobres brasileiros, com as suas mazelas miseráveis, e os ricos, com as suas bonanças e privilégios.

O texto é apresentado na primeira pessoa pela ótica do narrador-personagem, que explicita o que vê e o que sente. O plano de fundo da narrativa são dois ambientes: o “barraco” onde o narrador mora na favela e a casa da elite, abaixo, onde acontece a festa e que ele observa ao longe.

A história se inicia com o narrador contando que o seu amigo, Bola 7, bateu à porta de sua “casa”. Nessas falas iniciais, temos uma ideia da ambientação e classe social em que o sujeito está inserido, assim como possivelmente, seu grau de educação: “Bola 7 bateu na porta da minha casa, minha casa porra nenhuma, meu barraco, nem meu barraco é, eu alugo essa merda, fica no alto do morro e lá embaixo eu vejo as casas dos bacanas todas iluminadas (...)” (FONSECA, 2021, p. 117).

Mais adiante, o narrador explicita a sua revolta pela situação de miséria em que se encontra, situação essa diferente das pessoas que habitam abaixo do morro e que ele observa:

> Os putos dão festas todos os dias, o dinheiro está sobrando, e eu tenho ódio deles, tenho ódio de todos os ricos, todo mundo odeia os ricos, e eu jogo pedras nas casas dos putos, mas as pedras não chegam lá, eu sou raquítico, sempre comi mal, não tive peito de mãe para mamar e, no abrigo, só tomava pela metade uma espécie de sopa de massa (FONSECA, 2021, p. 117).

O narrador vai compartilhando com os/as leitores/as sua revolta com a desigualdade, quando Bola 7 bate na porta. Nesse momento, descobrimos que o sujeito leva esse apelido por ser uma pessoa experiente na Sinuca, e por ser negro, o que o narrador explica a comparação com a cor da bola 7 do jogo. Nesse momento também, descobrimos que Bola 7 é um sujeito violento, que tem em seu histórico assassinatos, 3 deles de pessoas que insistiam em chamá-lo por seu antigo apelido, Gaguinho: “(...) ele tinha antigamente o apelido de Gaguinho, mas

depois de matar três que o chamara de Gaguinho, ninguém mais teve coragem de chamar o Bola 7 de Gaguinho, (...)" (FONSECA, 2021, p. 117). Até o momento, o ambiente que o narrador nos apresenta parece disfuncional, pobre e as pessoas que circundam por ali, como é o caso do próprio Bola 7 e pelas intenções proferidas pelo narrador, tratam-se de sujeitos extremamente violentos. O que se reafirma mais adiante.

A visita de Bola 7 ao narrador tratava-se de um pedido de favor. O sujeito deixara ali com o companheiro, que pelo que aparenta não possui eventual passagem pela polícia, uma arma:

> [...] Bola 7 me disse, abrindo o embrulho que carregava, vou deixar essa joia com você, aqui os homens não dão as caras, você tem ficha limpa, venho apanhar quando a barra estiver limpa, e me mostrou uma espécie de carabina, eu nunca tinha visto nada igual, e o Bola 7 disse, este é um fuzil Ganam, ou fuzil Garnan [...] (FONSECA, 2021, p. 118).

Bola 7 pede para que o narrador esconda bem o embrulho e que em mais ou menos uma semana, ele retornará para buscá-lo e que... Dentro, há uma bala a ser disparada. Bola 7 não retorna. Três dias depois, o narrador descobre que ele acabara sendo assassinado pela polícia: "(...) e não demorou muito, acho que dois ou três dias, e me disseram que o Bola 7 havia sido morto pela polícia (...)" (FONSECA, 2021, p. 118). Sabendo da notícia, pela noite, o narrador decide desembrulhar a arma e usar a única bala para um propósito que ele tentara durante tempos, mas nunca conseguira: propagar com tamanha intensidade a sua ira sobre aqueles moradores ricos que ele via ao longe. Ele usa a lente da arma para focar no dono de uma casa onde acontecia uma festa, porém, na dúvida de quem é quem, escolhe aleatoriamente:

> [...] então escolhi um gordo, o cara é gordo, o cara é gordo porque come muito, da mesma forma que eu sou magro porque passo fome, então, conforme o Bola 7 ensinou, eu destravei a arma e mirei no gordo e apertei o gatilho e atirei e o gordo caiu no chão e todos os ricos começaram a correr de um lado para o outro, não sabiam de onde a morte tinha atacado e eu fiquei no escuro olhando pela lente, sempre pensei que a felicidade não existia, mas a felicidade existe, eu estava feliz (FONSECA, 2021, p. 118).

Finalizando-se assim, a história. De maneira pesada e reflexiva, o personagem principal que outrora lamuriava-se de seus percalços e mazelas reinantes termina seu arco narrativo demonstrando aquilo que Fonseca tende a passar em seus personagens. Geralmente, personagens esses destinados e automatizados para o matar, sem nenhuma chance de redenção e com apenas uma única causa. Todos os problemas e tristezas que outrora o personagem

principal sofre é canalizado, nem que seja por um curto momento de tempo, ele se sente realizado, e essa realização vem através da morte! Da morte daquele ser alheio a ele, alheio fisicamente, gordo, e em sua concepção mais profunda de existência.

2.1. **“Os pobres e os ricos” ou um “Feliz Ano Novo” do século XXI**

Publicado 38 anos após “Feliz Ano Novo”, “Os pobres e ricos” segue os mesmos passos de seu antecessor. O Brasil retratado é praticamente o mesmo, é desigual, é disfuncional, é díspare, é violento. O pano de fundo histórico/político é diferente: faz mais de 20 anos desde o fim da ditadura, e no momento, o Brasil goza de uma certa liberdade democrática, típica de qualquer país latino-americano, cambaleante e instável, mas democrático.

Assim como em “Feliz Ano Novo”, em “Os pobres e os ricos”, temos ao mesmo choque entre sociedades distintas que convivem rente, uma ao lado da outra. De um lado, personagens pobres, miseráveis, moradores de favelas, comunidades, tristes, revoltados, famintos... mais uma vez, violentos! E do outro, pessoas de classe média, ricas, elite, moradores de luxuosas residências e detentoras de toda felicidade que o dinheiro pode comprar. Teoricamente, inofensivas, “cidadãos de bem”. Presas e envoltas em seu mundo particular alheio ao mundo do narrador, mundo esse forjado por eles próprios, a elite.

O choque entre essas duas sociedades tão díspares, mas tão próximas, representado pelo narrador e seu companheiro Bola 7 com as pessoas das mansões de baixo, abaixo do morro, causa a violência. O fosso da desigualdade social que matava na década de 1970 em “Feliz Ano Novo”, segue matando em “Os pobres e os ricos”. Os personagens apenas mudam de nome e possivelmente de geografia, mas a faceta é a mesma.

Os personagens principais de ambas as obras são semelhantes. Ambos narradores em primeira pessoa e demais personagens primários são pobres, negros, pouco escolarizados, moradores de bairros ou ambientes muito pobres: o da primeira história, um conjunto habitacional, o da segunda, um barraco numa favela.

O enredo das duas narrativas são também muito semelhantes, em “Feliz Ano Novo” temos um grupo de sujeitos que a disposição de armas potentes, invadem uma residência de elite num bairro do Rio de Janeiro, matam, estupram e escracham perante os reféns os seus desprezos por eles e por tudo que representam, conforme já vimos, numa cena de “Feliz Ano

Novo", quando o narrador depois de matar e arrancar numa mordida o dedo de uma das reféns, defeca sobre a cama dela e limpa o ânus com as fronhas do colchão.

Esse desprezo que o narrador sente e demonstra em suas ações no conto "Feliz Ano Novo" é também encenado, de forma até mesmo mais explícita, pelo narrador de "Os pobres e os ricos", isso claro, de maneira distinta. O narrador de "Os pobres e os ricos" diz com todas as letras que odeia gente rica, logo no início da obra. Mais adiante, já próximo do final da história, prestes a disparar o tiro, o narrador diz:

> [...] e os ricos riam, rico ri o tempo todo, então eu pensei, vou matar um filho da puta desses, o certo seria o dono da casa, mas eu não sabia quem era o dono da casa, então escolhi um gordo, o cara é gordo porque come muito, da mesma forma que eu sou magro porque passo fome [...] (FONSECA, 2021, p. 118).

O narrador mata rapidamente sua vítima como alguém que mata uma formiga ou uma mosca. Para o protagonista do conto, a vida do homem assassinado pouco importava, é só mais um dentre tantos, tantos outros iguais, uma praga, que deve ser aniquilada. Sem remorso, sem pensar duas vezes, rápido, como realmente se passa no dia a dia, sem rodeios, o narrador acerta o alvo e se alegra com o sucesso da empreitada. Na perspectiva de Garlet (2015, p. 64), ao estudar a escrita fonsequiana: "em outras palavras, a narrativa procura chocar e instigar à reflexão precisamente através da forma com que apresenta o conteúdo, construindo então uma posição de contestação ao senso comum".

Em ambas os contos analisados, temos um enredo e uma ambientação que nos remete à falta, à pobreza extrema, temos uma situação de miserabilidade e de desigualdade social que estimula as ações violentas dos personagens. Essa abordagem pode dar uma impressão de que o enredo criado pelo autor queira justificar a violência, mas acreditamos não ser essa a intenção: os contos nos alertam de que a violência, muitas vezes, é fruto de outras violências. Em "Os pobres e os ricos" o narrador é um sujeito miserável, desnutrido e tomado pela sensação de revolta e por determinada ótica, de inveja. Ele odeia aqueles que habitam as residências ao longe, aqueles que vivem melhor, aqueles felizes, aqueles que comem e estão sempre em festa, sem a precisão de esperar o ano novo. Talvez, a noção desse personagem esteja já num nível de desesperança de mudança social ou, de ainda não entrada nessa desesperança. Ele não se apoia em mecanismos de vícios ou em instituições religiosas de garantia de vitória econômica, isso pelo menos não é mencionado no conto. Essa situação do personagem dialoga com a reflexão de Jessé Souza (2017), quando ele diz:

> O desprezo e a humilhação que essa classe sofre desde o berço, unindo socialização familiar precária, que é o essencial do seu aspecto de classe, com o preconceito covarde e secular contra o escravo, que é seu aspecto de raça, a levam a fantasiar sua realidade intolerável. A fantasia, que assume a forma da fuga na droga, especialmente no álcool, ou dos tipos de religiosidade mágica que prometem o que não se pode realizar, é exemplo do escapismo de quem não tem futuro (SOUZA, 2017, p. 85).

O personagem apenas sente ódio, ódio esse que pode simbolizar sim, que ele já está desacreditado que algo possa mudar a sua situação ou possibilitar a sua entrada na imersão do ilusório e da promessa futura de vitória econômica. O narrador se insere no que Souza (2017) chama de "ralé de novos escravos", uma significativa população constituída, sobretudo, por pessoas negras, pobres e periféricas, já sem esperanças de ascendência social, o meio ao qual este grupo está inserido deixa uma margem pífia para qualquer logro. Ele não tem caminhos nem oportunidade para isso, seu destino é predeterminado pelo sistema reinante de dominação no Brasil. Souza (2017) assevera:

> A situação dos excluídos sociais, que chamamos provocativamente de ralé de novos escravos, é ainda mais precária. Se a classe trabalhadora qualificada e semiqualificada ainda tem perspectivas, ainda que restritas, de futuro e de ascensão social, a ralé foi tão secularmente desprezada e humilhada que, sem contexto político favorável, ela está condenada ao fracasso. Toda a importância do lulismo recente reside aí. Foi com ele iniciado um esforço que, caso fosse levado adiante, redimiria essa classe condenada pelo ódio covarde devotado ao escravo no espaço de poucas gerações (SOUZA, 2017, p. 85).

Outro fator de desigualdade marcante na narrativa é a representação do espaço tanto físico quanto que simbólico apresentados. A divisão que separa o narrador, o bairro e a realidade que o insere daqueles detentores da riqueza e da felicidade, não passa de alguns poucos quilômetros, tanto é que de seu barraco ele consegue observar distantemente aos seus "inimigos". Porém, ao mesmo tempo, é uma realidade extremamente longínqua, longínqua no sentido econômico, social, cultural.

Ao lermos o conto, de algum modo, mesmo que de forma rápida, somos levados para o barraco do narrador, aquele bairro, aquela favela trepada em cima de um morro é algo tão comum, tão normalizado em nosso cotidiano. São tantos Bola 7 que vemos nos mais variados noticiários policiais e sensacionalistas. Porém, não podemos deixar de nos atentarmos a um ponto crucial, tanto em "Feliz Ano Novo", quanto em "Os pobres e os ricos", ambos os contos são construídos pela ótica de Rubem Fonseca, um sujeito branco, classe-média e com ensino superior.

Rubem Fonseca tinge em suas narrativas uma visão tendenciosa, sua vista da situação como civil e claro, com suas experiências de quando trabalhara na polícia. Como cidadão de classe média, Fonseca reverbera de certa maneira, um preconceito social travestido. Ele escancara sim, o violento urbano social das camadas mais pobres, mas através da sua perspectiva de observador ao longe, o mesmo longe entre o narrador de "Os pobres e os ricos" e os detentores do poder. Para Cruz (2009), as obras fonsequianas se caracterizam como uma *mercadoria da crueldade*, uma violência que está ali muitas vezes para entreter, até mesmo estética, o que compreendemos como quase que "Tarantinesca", analogicamente falando. Em sua pesquisa, Adélcio Cruz destaca:

> A mercadoria da crueldade, cuja origem é a estética criada por Rubem Fonseca e se encontra sintetizada no livro de Bonassi, revela ao leitor o narrador Polaroid, que explora um ponto-de-vista colado às ideias, muitas delas preconceituosas, da classe média brasileira. [...] a catarse está garantida aos leitores, porque todos aqueles incômodos ficam satisfatoriamente atados por fios elétricos, mas ficcionais... tudo permanece ali quando se fecha o livro, não é necessária nenhuma reflexão, repetindo o efeito *first-person-shooter-narrator* (narrador-atirador em primeira pessoa) presente em contos de Rubem Fonseca que tratam da violência. O clima de videogame assegura, portanto, a tranquilidade na sala de estar (CRUZ, 2009, p. 202).

O alto grau de verossimilhança perpassado nas obras escritas por Fonseca com o real animalesco tão comumente praticado por criminosos e sádicos sociais, tanto vistos em matérias jornalísticas e documentários criminais é visível, o BTK[4] é um grande exemplo que o ser humano pode e muitas vezes é, monstruoso. Mas algo que não se pode negar, é o fosso profundo da escrita e da representação da violência em Rubem Fonseca com a violência presente em obras de autoria afro-brasileira, principalmente de cunho feminino, por exemplo.

Para Fonseca, seus personagens são sumariamente animalescos por natureza, são assim e não possuem oportunidade ou meio de mudar. Enquanto que os personagens de autoria negra possuem camadas, redenção e aprofundamento, os de Fonseca não. Os personagens fonsequianos são assassinos que matam rotineiramente e parecem possuir isso como única determinação. Algo que sim, podemos encontrar em sociedade, os "Assassinos em série", como já citado, matam e matam sem piedade e possuem como grande foco de vida isso, o matar, mas eles não são só isso, assim como o cidadão transformado pelo meio também não é.

[4] BTK é a abreviação para os termos em inglês: "Blind, Torture and Kill" que em português significam: "Amarrar, Torturar e Matar", Modus Operandi que o assassino em série Dennis Lynn Rader usava com suas vítimas enquanto atuava entre os anos de 1974 a meados de 1991 nos Estados Unidos.

Em “Os pobres e os ricos” e no próprio “Feliz Ano Novo”, vemos uma violência extremada, uma violência possível e comumente real, mas com certos toques até mesmo *hollywoodianos*. É algo visceral, dolorido, gritante, incômodo. A violência advinda da pobreza, da extrema disparidade social (outro meio de violência, essa já estrutural), que transforma o homem basicamente numa besta selvagem, sem remorso, faminta por sangue e tomada pela revolta. Essa violência apresentada é única, é brutal. Os personagens principais, os assassinos, tratam-se de figuras comumente programadas para isso, matar, estuprar, dilacerar. A sensação que fica é que o narrador no conto já não possui “alma”, ele age para aquilo e não há mais nada que importe em sua vida.

Em “Os pobres e os ricos”, o narrador durante toda a curta narrativa só possui basicamente duas faces: ele é um ser faminto, de certa forma dúbio em sua fome, seja ela de alimento ou de vingança. O instinto de vingança vai caracterizando a sua segunda face, a face do ódio por aqueles em situação diferente da dele. Essa característica do narrador-personagem fonsequiano muito se difere das narradoras e personagens construídas pelas escritoras da Literatura Negra Brasileira. Na concepção da pesquisadora Franciane Conceição da Silva, mesmo quando constroem cenas de violência extrema, “nos textos das escritoras afro-brasileiras há um heroísmo intrínseco no modo como as personagens superam atos de violências brutais, prezando-se pelo respeito às subjetividades das vítimas ou praticantes de violência” (SILVA, 2018, p. 166).

Ao construírem de maneira profunda a subjetividade de suas personagens, as autoras negras procuram ressaltar um aspecto, muitas vezes negado na literatura canônica brasileira, a valorização da humanidade das personagens negras. Em “Os pobres e os ricos” e no próprio “Feliz Ano Novo”, de Fonseca, por exemplo, podemos observar que os personagens negros, pobres, famintos, são pintados com tintas que beiram o animalesco. Eles agem com um instinto selvagem, feroz, parecem incapazes de pensar racionalmente. Nos textos de autoras negras como Miriam Alves e Conceição Evaristo, mesmo que as personagens atuem de maneira cruel e violenta, a sua humanidade é preservada, o que não vemos nos narradores dos contos “Feliz Ano Novo” e “Os pobres e os ricos”, de Rubem Fonseca. Silva (2018), a partir de suas análises dos contos “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo e “Um só gole”, de Miriam Alves apresenta as seguintes reflexões:

> No conto “Ana Davenga”, o personagem Davenga é descrito como um homem que amedronta seus inimigos e seus próprios parceiros do crime. Contudo, no momento das relações sexuais, ele se enternece de tal modo que chora copiosamente, sendo que, no aniversário de sua esposa, Ana Davenga, ele prepara cuidadosamente uma festa surpresa. A personagem do conto “Um só gole”, de Miriam Alves, não se deixa

> brutalizar pela violência racista. Seu corpo cansado não suporta as muitas agressões provocadas pelo racismo, fazendo com que a narradora do conto pense apenas em morrer. A morte, tanto no conto "Ana Davenga" quanto em "Um só gole", é representada com contornos dramáticos, porque há uma profunda valorização da vida. Vidas que parecem perder o seu valor nas histórias de Fonseca. (...) podemos estabelecer a diferença entre a representação brutalista de Fonseca e a ferocidade característica dos textos das escritoras Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral. Essas autoras encenam uma realidade na qual as personagens, mesmo com a vida marcada por violências, misérias e abandonos, não são brutalizadas (SILVA, 2018, p. 166-167).

Naquilo que tange a uma possível transformação individual dos personagens nas obras, ela é quase inexistente, se não, completamente inexistente. As personagens são como são e ponto. Os narradores em "Os pobres e os ricos" assim como em "Feliz Ano Novo" são violentos, sabem que são violentos e convivem com a violência sem nenhuma demonstração de desejo de mudança ou nada parecido, suas atitudes são como são e conduzem para o desfecho previsível da história. A violência advinda da pobreza e da desigualdade é a força motriz que move e caracteriza os personagens de Fonseca em "Os pobres e os ricos" e "Feliz Ano Novo", algo que mais uma vez o difere de autoras como Evaristo e Alves. Nelas, suas personagens são violentas também como fruto do meio, mas não movidas basicamente por isso, e sim, também por isso. Para Silva (2018):

> Outro ponto que podemos destacar nessas narrativas das escritoras afro-brasileiras que as diferenciam do estilo brutalista de Fonseca é a capacidade de superação das personagens. O contato com as situações-limites de violência não tira delas a esperança ou a capacidade de seguir acreditando na vida. As ações narradas mostram um desconsolo com a realidade descrita, mas, ao mesmo tempo, resta uma chama acesa, uma perspectiva, mesmo que diminuta, de transformação (SILVA, 2018, p. 166).

Em suma, o foco a que busco analisar está ali, a violência não deixa de ser violência. Seja ela desumanizada ou não, trata-se apenas de uma de suas variadas facetas, essa claro, advinda da pobreza, da desigualdade e da revolta, é simplesmente, violência.

O sanguinário, a carnificina, a desigualdade social e racial, a indiferença dos detentores de riqueza, o cenário urbano díspare que vemos retratado na década de 1970 em "Feliz Ano Novo", é o mesmo que voltamos a ver em "Os pobres e os ricos" da década de 2010. Não muda, o Brasil de ontem é praticamente o mesmo do de hoje, o plano de fundo político é distinto, mas as mazelas que infringiam durante os anos de chumbo continuam. De algum modo, estão vivas, pulsantes, a pobreza que gera a violência. Percebemos que talvez, "Os pobres e os ricos" seja uma extensão de "Feliz Ano Novo", um texto repaginado para o século XXI.

2.2. “Os pobres e os ricos”: desigualdade e violência no Brasil contemporâneo

Assim como “Feliz Ano Novo” espelha a época em que foi escrito, mais especificamente a década de 70, período em que o Brasil era governado por uma sanguinária ditadura militar, um país injusto e desigual, e que tal desigualdade funcionava como mecanismo gerador de uma violência social brutal e animalesca, comprovação essa que podemos tirar ao ler algumas matérias jornalísticas do período, com “Os pobres e os ricos” não é diferente.

O Brasil de anos após a história do violento assalto na noite de Ano Novo continua o mesmo em quesitos de violência social e, principalmente, urbana. Assim como foi feito com o primeiro conto ao equiparar a narrativa ficcional com matérias jornalísticas verídicas que circulavam entre a sociedade nos anos de chumbo, faremos o mesmo com a segunda narrativa e os jornais circundantes atuais, todos de maneira digital.

Ao lermos a história de “Os pobres e os ricos” nos deparamos com um personagem principal que não possui um nome. O personagem é muito pobre, passa fome, vive em lugar miserável, envolto em violência e propenso a ela, assim como possivelmente, muitos daqueles/as que estão ao seu entorno. O retrato apresentado é um retrato de desigualdade social e injustiça, de um país que continua sanguinário e nem um pouco propenso a mudar.

As situações apresentadas no conto “Os pobres e os ricos” de 2013 são muito semelhantes as situações vivenciadas no Brasil de 2021: o narrador “raquítico”, desnutrido e faminto mostrado, é só mais um dentre tantos que por aqui vivem. Numa matéria do jornal digital *G1*, podemos ler a seguinte situação:

> Dezenove milhões de brasileiros acordam atualmente sem saber se vão conseguir alguma refeição para o dia. Dois anos atrás, eram 10 milhões. [...] Em Cuiabá, uma cena chama atenção: a distribuição de pedaços de ossos com retalhos de carne tem formado filas. O açougue, que distribui os ossos há dez anos, diz que isso acontecia antes apenas uma vez por semana e, agora, são três. A crise provocada pela pandemia só fez a fila crescer. [...] Desde o início da pandemia, o arroz ficou 56% mais caro e o preço do feijão preto aumentou 71%. A saída para muitos brasileiros tem sido os grãos de segunda linha, como arroz fragmentado e feijão bandinha, que vem quebrados e com mais impureza (*G1*, 2021).

Figura 9 Imagem da manchete do dia 25/07/2021 do jornal digital G1

A situação de penúria alimentícia apresentada pelo narrador em suas falas: "(...) eu sou raquítico, sempre comi mal, não tive peito de mãe para mamar, e no abrigo, só tomava pela metade uma espécie de sopa de massa (...), (FONSECA, 2021, p. 117) ou ainda quando ele afirma: "(...) da mesma forma que eu sou magro porque passo fome (...), (FONSECA, 2021, p. 118) é similar a situação de milhões de brasileiros diariamente. O retrato de pobreza trazido pela obra ficcional se iguala quase a um relato pessoal quando comparado com a matéria.

A pobreza avassaladora que carcomia as entranhas da sociedade brasileira nos anos ditatoriais, e que se amenizara durante a década de 2000, retornou com voracidade recentemente, se agravando ainda mais com o advento do governo de Michel Temer e de Jair Bolsonaro, atingindo níveis alarmantes com a pandemia de Covid-19. Ao lermos periódicos recentes, vemos a triste realidade da volta do Brasil ao mapa da fome, um fantasma que há anos não assolava a sociedade brasileira, como podemos ver em uma matéria da *Revista Veja* de 30 de abril de 2021:

> Deu na capa do New York Times: o Brasil passa fome. O empreendedor social Edu Lyra reforça: o Brasil voltou ao mapa da fome no mundo, com 19 milhões de pessoas passando fome e 119 milhões em insegurança alimentar. "A nova fase do auxílio emergencial demorou demais e, quando chegou, veio menos e num momento em que a inflação subiu e o poder de compra diminuiu muito. Então tem que ter a filantropia junto" (*VEJA*, 2021).

Figura 11

Economia

Brasil volta ao mapa da fome e começa a chegar ajuda global

Accenture Global doa R$ 11 milhões para combater fome no país

Por **Josette Goulart**

30 abr 2021, 19h19 - Publicado em 30 abr 2021, 12h00

Figura 10 Imagem da matéria jornalística digital da Veja, seção Economia, do dia 30/04/2021

Em “Os pobres e os ricos”, além da situação miserável, o ambiente que circunda o personagem principal da história é um ambiente bastante violento, isso claro, fruto direto do mesmo sistema e da mesma pobreza que o assola. O amigo do Narrador, Bola 7, é um sujeito violento, carrega consigo vários assassinatos, e o próprio narrador apresenta desde o começo do texto uma personalidade agressiva e impetuosa. Essa pulsão violenta do personagem é controlado até o dia em que ele aproveita a oportunidade de descarregar o seu ódio e usa a arma deixada por Bola 7 em sua casa, atirando friamente contra um homem que se divertia numa festa.

A violência que toma conta do ambiente advém da falta de oportunidades, da falta de estudo, emprego e qualidade de vida, o que se consiste numa violência civil, apenas entre cidadãos comuns, mas não é a única. Além dessa violência entre civis, a mesma que o narrador profere contra o sujeito “gordo e rico” faz companhia a uma outra violência que paira o ambiente, uma violência advinda das forças policiais, sendo esse, o destino do próprio Bola 7, “E não demorou muito, acho que dois ou três dias, e me disseram que o Bola 7 havia sido morto pela polícia” (FONSECA, 2021, p. 118).

O assassinato de Bola 7 por meio das mãos da polícia é basicamente algo repetido, uma repetição do mesmo problema advindo do choque entre forças policiais e criminosos que já causavam tensões em “Feliz Ano Novo”, na década de 70 e que, segue estampando as

manchetes jornalísticas atuais. Ao lermos os periódicos atuais, como por exemplo, numa matéria do *G1*:

> Uma operação da Polícia Civil do RJ contra o tráfico de drogas no Jacarezinho, na Zona Norte do Rio, deixou 28 pessoas mortas e provocou um intenso tiroteio no início da manhã desta quinta-feira (6). Segundo o Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (Geni) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e a plataforma Fogo Cruzado, trata-se da operação policial mais letal da história do Rio. O policial civil André Farias foi baleado na cabeça e morreu, segundo a polícia. A corporação afirma ainda que 27 criminosos foram mortos, mas não esclareceu quem são as vítimas e a situação em que foram atingidas. Em coletiva à tarde, o delegado Rodrigo Oliveira, da Core, disse que dois dos mortos foram alvejados quando atacaram policiais que faziam a perícia no local de outras mortes. Seis pessoas foram presas e armas foram apreendidas [...]. Pelas redes sociais, moradores relataram mais mortes que as computadas, além de corpos no chão, invasão de casas e celulares confiscados [..] Segundo a plataforma digital *Fogo Cruzado*, que registra dados de violência armada desde julho de 2016, é o maior número de mortes durante uma operação da polícia em uma comunidade desde o início dos levantamentos (*G1*, 2021).

G1 RIO DE JANEIRO

Operação no Jacarezinho deixa 25 mortos, provoca intenso tiroteio e tem fuga de bandidos

A polícia diz que 24 mortos são suspeitos, mas não deu detalhes sobre quem eles são e o que faziam ao serem baleados. A 25ª vítima é o policial civil André Frias, atingido na cabeça.

Por Diego Haidar, Elza Gimenez, Filipe Fernandes, Guilherme Peixoto e Henrique Coelho, TV Globo e G1 Rio

06/05/2021 06h45 · Atualizado há 3 meses

Figura 11 Imagem da matéria do jornal digital G1 do dia 06/05/2021

Em 2021, o *Atlas da Violência* mostrou uma diminuição do número de homicídios no Brasil em relação a 2020 como podemos ler no trecho de uma matéria do *G1* de 21/02/2022:

> O número de assassinatos no Brasil caiu 7% em 2021 na comparação com o ano anterior. É o que mostra o índice nacional de homicídios criado pelo *G1*, com base em dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal. Em todo o ano passado, foram registradas 41,1 mil mortes violentas intencionais no país - 3 mil a menos que em 2020. Trata-se do menor número de toda a série histórica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que coleta os dados desde 2007 (*G1*, 2022).

Segundo o periódico, o Brasil gozou em 2021 de uma queda de mais ou menos 3 mil mortes a menos que no ano anterior, podendo-se configurar como motivo de vitória para alguns mas que, mesmo assim, ao olharmos os números absolutos “41,1 mil”, é algo

extremamente estrondoso, um número basicamente de guerra. O Brasil vive, por ano, como se estivesse numa guerra sem fim. Matar no Brasil se tornou algo tão comum do dia a dia que uma singela diminuição no número de mortes, quando comparada em números absolutos, se torna motivo de vitória e que, mesmo assim, não se reflete em toda a população.

A grande maioria da população pobre do Brasil é negra, e para essas pessoas, a violência continua matando como nunca. Segundo matéria publicada no jornal digital *G1* em 2021:

> A chance de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a da soma dos amarelos, brancos e indígenas foi de 11,2. Os dados fazem parte do Atlas da Violência 2021, divulgado nesta terça-feira (31) e elaborado por meio de uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério da Economia, e o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), ligado ao governo do Espírito Santo (*G1*, 2021).

Como observado, além da violência entre civis, uma violência quase que levada pela noção de "seleção natural", "lei do mais forte", fruto direto da pobreza e extrema desigualdade brasileira, a violência do choque policial/civil continua forte e viva atualmente. A repetição de aspectos que vemos em "Os pobres e os ricos" ao compararmos com "Feliz Ano Novo" é assustador. Assustador no sentido de que os mesmos mecanismos que regiam a base para essa sociedade brasileira tão brutal e desigual, quase que dividida em "Castas", em que uma majoritária parcela pobre e miserável se engalfinha e se mata enquanto sustentam uma elite e classe média majoritariamente branca, boçal, reacionária e envolta em privilégios segue intacta.

Ao nos depararmos com a análise dos contos e com a leitura de manchetes jornalísticas do dia a dia, a revolta que sentimos com a desigualdade social e racial se junta ao desânimo que parece ser reinante em um país que insiste em manter uma estrutura histórica de injustiças e, assim, permanecer num eterno estado de violência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os contos “Feliz Ano Novo” e “Os pobres e os ricos”, de Rubem Fonseca, considerando os seus aspectos literários e a contextualização histórica, percebemos o quanto as obras são viscerais e denunciativas, não apenas de uma sociedade reconhecida e vivenciada por muitos, mas também de um tempo, se estendendo de um regime ditatorial extremamente violento e falho, em diversos aspectos, até um outro momento, também extremamente falho, mas, teoricamente democrático. Rubem Fonseca traz em seus contos uma grande denúncia social vista e vivida, mas que saindo da esfera jornalística, não era um território muito explorado e expandido nas artes, principalmente na literatura.

O pobre, o desfavorecido, que muitas vezes é calado, vem à tona. As vozes das ruas é a falada e é a que observa e age, a que faz a história. Os contos impactam a quem lê, trazendo de uma forma escancarada algo que assolava o Brasil dos anos 70, assola hoje, e por praticamente toda a sua história: a desigualdade social que gera violência. Aos trazer a realidade de três personagens fora da lei, “Feliz Ano Novo” nos transporta para a vivência deles: uma realidade suja, pobre e brutal. Uma realidade que abrange grande parte da população brasileira, mas que em geral não era falada e representada com protagonismo nos textos ficcionais.

A multifacetação das narrativas é abrangedora e realista, uma dose pesada de conhecimento e indagação. Até hoje, em nossa sociedade, muitos fazem crer que viver no período em que o Brasil era uma ditadura militar era sinônimo de paz alastrada e comum, ou de um tempo áureo de bem estar econômico geral, o que se constitui em uma grande mentira, como percebemos. Além disso, o tampar de olhos para com a realidade social atual por parte de grande parta da população, principalmente a mais abastada, é revoltante.

Viver no período da ditadura militar no Brasil era caminhar num verdadeiro campo minado de insegurança. De um lado, tínhamos a violência social, reconhecível até hoje. Uma violência sanguinária criada pela mesma elite/classe média ainda reinante e operada pela camada mais pobre, vítima do sistema. Uma sociedade sem expectativas e sem estudos, fruto de uma economia e de um governo extremamente injusto. Além desse tipo de violência, havia ainda aquela proferida de forma direta pelas mãos do Estado. A tortura, a perseguição, o sequestro, a tirania. Essa violência andava junta às demais, junto à população mais pobre, já tão subjugada e explorada. E, no viver de hoje, com exceção da ditadura, quase nada mudou.

A crítica social é, sem dúvida, o cerne dos dois contos analisados, e até onde a necessidade e o meio levam o ser humano nas suas atitudes mais extremas. O modo como os

protagonistas agem com as suas vítimas é impactante e aterrador, causando desconforto e reflexão. A partir de algumas de suas atitudes, os personagens de “Feliz Ano Novo” e “Os pobres e os ricos” já não se parecem mais tão humanos, a banalização da crueldade já está tão adentrada e normalizada que os personagens agem quase como animais, a vida das outras pessoas não importam mais para eles, e toda a carnificina não passa de mais uma noite de assalto corriqueiro ou de um ódio pessoal.

A hipocrisia é também um ponto forte nas narrativas, a hipocrisia de uma elite e uma classe média cega, ou pelos menos, que finge ser. Uma elite/classe média pouco preocupada com o que há em sua volta, entretida com seus próprios caprichos e presa em sua própria bolha social. E, além disso, temos uma camada social revoltada e subjugada, que se indigna com os seus “tiranos”, convertendo-se nos novos “tiranos”, mesmo que por um tempo curto. “Feliz Ano Novo” choca, mas é um chocar denunciativo, um chocar iluminador, um chocar de conscientização, algo que o segundo conto segue fazendo de maneira igualmente impactante, o que demonstra um certo costume. As coisas parecem não mudar.

Produzir esse trabalho foi altamente gratificante, como experiência pessoal e acadêmica. Trazer para a análise contos tão importantes social e historicamente é algo digno de orgulho. Rubem Fonseca é, um dos maiores escritores de todos os tempos e o meu preferido em âmbito nacional. Suas obras, principalmente o livro “Feliz Ano Novo” (minha obra brasileira preferida), se apresenta como uma arma crítica e um retrato histórico de um país disfuncional e injusto, que é assim desde os seus primórdios e que insiste em permanecer, além de retratar com qualidade em detalhes a década de 1970, um período histórico tão complexo para o mundo assim como para a nossa história e de grande curiosidade minha.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia, ARCOVERDE, Léo. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. **G1**, 31/08/2021. Disponível em: **https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml?utm_source=share-universal&utm_medium=share-bar-app&utm_campaign=materias** . Acessado em: 02/06/2022.

AMARAL, Sérgio da Fonseca. Violência: a ficção de Rubem Fonseca. **Revista Terceira Margem.** Número 21. 2009. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/11018/8038 . Acesso em: 08/12/2020.

AMORDAÇARAM e amarraram a mulher. **Diário da Noite**. São Paulo. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pasta=ano%20197&pesq=Assassinado&pagfis=72672 . Acesso em: 12/12/2020**.**

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

BOSI, Alfredo. **Situação e forma do conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Editora Cultrix, 2015.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 2015.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva: A violência como discurso em *Feliz Ano novo* de Rubem Fonseca. **Revista de estudos literários.** Volume 15. 2009. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol15/TRvol15b.pdf

CRUZ, Adélcio de Souza. Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. Faculdade de Letras – **Estudos literários. Universidade Federal de Minas Gerais.** 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP7V3GHU/1/tese___ad_lcio_de_sousa_cruz.pdf . Acesso em 19/02/2022.

FILA para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome. **G1**, 25/07/2021. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contra-a-fome.ghtml . Acesso em: 15/12/2021.

FONSECA, Rubem. **Amálgama.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GARLET, Deivis Jhones. Os motivos da censura em *Feliz Ano novo*, de Rubem Fonseca. **Doutorando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM**. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/18513

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GOULART, Josette. Brasil volta ao mapa da fome e começa a chegar ajuda global. **Veja**, 30/04/2021. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/radar-economico/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-e-comeca-a-chegar-ajuda-global/ . Acessado em: 15/12/2021.

GÓRTAZAR, Naiara Galabraga. El retrato de la desigualdad detrás de la foto de la favela y el barrio rico de Brasil**. El País**, São Paulo, 22/01/2022. https://elpais.com/internacional/2022-01-22/el-retrato-de-la-desigualdad-detras-de-la-foto-de-la-favela-y-el-barrio-rico-de-brasil.html?outputType=amp . Acesso em: 20/06/2022.

HAIDAR, Diego, GIMENEZ, Elza, FERNANDES, Filipe, PEIXOTO, Guilherme, COELHO, Henrique. Operação no Jacarezinho deixa 28 mortos, provoca intenso tiroteio e tem fuga de bandidos**. G1**, Rio de Janeiro, 06/05/2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml . Acesso em: 15/12/2021.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

NATAL trágico em Amaraji. **Diário de Pernambuco**, 1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/38?pesq ; Acessado em: 20/06/2022.

NÚMERO de assassinatos cai 7% no Brasil em 2021 e é o menor da série histórica. **G1**, 21/02/2022. Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/02/21/numero-de-assassinatos-cai-7percent-no-brasil-em-2021-e-e-o-menor-da-serie-historica.ghtml . Acessado em: 11/03/2022.

O tarado de Água Preta. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, 1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/38?pesq . Acesso em: 12/12/2020

PRESO no morro ladrão que mata soldado. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_08/5?pesq

SILVA, Franciane Conceição da. Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro brasileiras. **Programa de Pós-graduação em Letras.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf . Acesso em: 19/02/2022.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso, da escravidão à Lava Jato.** Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

STACUL, Juan Filipe. **Homem em cena: A máscara da masculinidade.** Colatina/Chicago: Clock.book, 2017.